

Da fixação textual das inscrições lusitanas de Lamas de Moledo, Cabeço das Fráguas e Arronches: O contributo do “Modelo de Resíduo Morfológico” (MRM), seus resultados e principais consequências interpretativas

On the textual fixation of the lusitanian inscriptions of Lamas de Moledo, Cabeço das Fráguas and Arronches: The contribution of the “Morphological Residual Model” (MRM), its results and main interpretative consequences

José Cardim-Ribeiro 

Centro de Estudos Clássicos - Universidade de Lisboa

jcardim@sapo.pt

Hugo Pires 

CEAU - Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

hpires@arq.up.pt

Resumo: A fixação, tanto quanto possível rigorosa, de antigos textos adquire máxima pertinência no caso de línguas desde há muito desaparecidas, como o Lusitano. O intenso desgaste de determinadas zonas dos campos epigráficos nas inscrições redigidas nesse idioma tem vindo a dividir a comunidade científica quanto à leitura de certos vocábulos nelas exarados, ferindo assim a plena compreensão de tais documentos. A nova técnica “Modelo de Resíduo Morfológico” (MRM), desenvolvida por um dos autores (H. P.) e ora aplicada aos monumentos rupestres de Cabeço das Fráguas e de Lamas de Moledo, e ainda à lápide de Arronches, oferece resultados objectivos e desapaixonados que permitem esclarecer de forma definitiva algumas dessas dúvidas. Com base nessa renovada e mais exacta fixação dos textos, não nos furtaremos (J.C.R.) ainda a retirar, desde já, as convenientes ilações interpretativas.

Palavras-chave: Lusitano, Cabeço das Fráguas, Lamas de Moledo, Arronches, Modelo de Resíduo Morfológico (MRM), Fixação textual.

Abstract: The fixation, as rigorous as possible, of ancient texts acquires maximum relevance in the case of languages which have long since disappeared, such as Lusitanian. The intense deterioration of certain areas of the epigraphic areas in inscriptions written in this language has divided the scientific community as to the reading of certain words contained therein, thus hampering the full understanding of such documents. The new “Morphological Residual Model” (MRM) technique, developed by one of the authors (HP) and now applied to the rock monuments of Cabeço das Fráguas and Lamas de Moledo, as well as to the stele of Arronches, offers objective and impartial results which make it possible to definitively clarify some of these doubts. Starting from this renewed and more exact fixation of the texts, we will not hesitate (J.C.R.) to draw, from now on, the appropriate interpretative conclusions.

Keywords: Lusitanian. Cabeço das Fraguas, Lamas de Moledo, Arronches, Morphological Residual Model (MRM), Textual fixation.

Recepción: 29.12.2021 | Aceptación: 26.03.2021



A fixação, tanto quanto possível rigorosa, de antigos textos sobre os quais se irão fundamentar considerações filológicas e interpretações históricas é condição *sine qua non* e primordial para a própria solidez e credibilidade dessas mesmas análises. Esta verdade inquestionável e absolutamente consensual adquire ainda maior pertinência — se nos é permitido escalonar um princípio tão básico e essencial — no caso de textos que registem línguas desde há muito desaparecidas e quase por completo ignoradas, como o Lusitano.

O desgaste, por vezes intenso, de determinadas zonas dos campos epigráficos nas únicas três inscrições total ou maioritariamente redigidas nesta língua das quais conhecemos a localização precisa e se encontram passíveis de observação pública, todas elas em Portugal, tem vindo, em certos casos desde há já largas décadas, a dividir a comunidade científica quanto à leitura dos vocábulos aí exarados — facto que, aliás, permanece bem evidenciado nalgumas das mais recentes publicações sobre a presente temática —, ferindo desse modo a plena compreensão de tais documentos.

A nova técnica de levantamento gráfico designada como “Modelo de Resíduo Morfológico” (MRM), desenvolvida por um dos autores desta comunicação (H.P.)¹ e ora aplicada aos monumentos rupestres de Cabeço das Fráguas e de Lamas de Moledo,² e ainda à lápide do Monte do Coelho, Arronches,³ oferece resultados objectivos e desapaixonados que, se não logram resolver todos os problemas subsistentes, permitem no entanto esclarecer de forma definitiva alguns dos mais significativos; e, ainda, estabelecer pistas seguras para uma análise dos restantes, dentro de parâmetros concretos de admissibilidade.

1 A Hugo Pires se deve o levantamento e o tratamento das imagens, segundo o “Modelo de Resíduo Morfológico”, aqui apresentadas, base primordial e incontornável da presente exposição. Quanto a esta nova técnica, do ponto de vista teórico e dos resultados práticos, *vd.* Correia e Pires 2014; Correia, Pires *et al.* 2014; Correia, Pires e Sousa 2014; Pires *et al.* 2014; 2015a; 2015b; 2016; Caninas, Pires *et al.* 2016; Fonte, Pires *et al.* 2017; Santos-Estévez, Pires *et al.* 2017.

2 O nosso imprescindível e solidário guia a estes dois monumentos foi Patrício Curado, profundo conhecedor dos mesmos e a quem se devem algumas das mais sedutoras interpretações das respectivas epígrafes. A penosa ascensão às Fráguas foi-nos facilitada pela activa presença de João Mendes Rosa, director do Museu da Guarda, e de seus colaboradores. Para com todos eles aqui fica registada a gratidão dos autores.

3 Hoje conservada no Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, graças à esclarecedora intervenção do seu director, António Carvalho, ao qual também se deve a proposta de classificação de tão rara lápide como “Tesouro Nacional”.

Não sendo este o local adequado ao desenvolvimento ou à discussão de hipóteses interpretativas globais, não nos furtaremos porém (J.C.R.)⁴ a retirar desde já as principais ilações desta renovada e mais exacta fixação dos textos em estudo.

1. A epígrafe e o monumento rupestre do Cabeço das Fráguas⁵

1.1. A epígrafe

Quem sobe ao Cabeço das Fráguas e se aproxima da epígrafe rupestre, a primeira sensação que tem é de que esta se encontra hoje quase totalmente apagada. Esta impressão solidifica-se se o visitante proceder, apenas com luz natural, à fotografia da lápide (cf. López e Vallejo 2018, 259 e n. 20 e fots. 6 a 8). E, no entanto, tal não é verdade. Se a observação fôr feita às primeiríssimas horas do dia, os próprios raios solares iluminam a rocha de molde a salientarem-lhe a inscrição, que então se lê por completo. Do mesmo modo, se em momento adequado se operar com luz artificial rasante, também todas as letras aparecem nítidas e inteiramente legíveis, pese embora a maior deterioração da linha 5 (vd. fig. 1).

4 A componente científica, bem como a responsabilidade redaccional e analítica deste estudo, são de José Cardim Ribeiro.

5 Sobre este monumento, esta epígrafe e seu conteúdo, *vd.*: Almeida 1943, 51-56; Vasco Rodrigues, 1959-60; Untermann 1963, 322-325; 1987, 63-64; 1997, 755-758 L.3; 2002, 69-70; 2010; Tovar 1966-67; 1985; Blázquez 1975, 176 s.v. *Trebopala*; 1983, 232; 2001, 196; Guyonvarc’h 1967; Albertos 1973, 83 ss.; 1985, 504; Faust 1975, 200; Corominas 1976, 370-375; Michelena 1978, 435 ss.; Best 1981-82; Maggi 1983; Schmidt 1985, 321-322, 326; Alarcão 1988, 162, 164; 2001, 315-316; Curado 1989, 349-351; 1996, 156-157; 2002, 71-73, 75; García Fernández-Albalat 1990, 311; Garcia 1991, n.º 466; Villar 1991, 456; 1993-95; García Quintela 1992, 338-339; 2019, 55-56, 58; De Hoz 1993, 363; Rodríguez Colmenero 1993, 104-105 n.º 47; 1995, 221-222 n.º 47; Prósper 1994; 1999; 2002, 42-56; 2004, 169-179; 2010a, 63-67; 2010b, 367-368; *AE* 1994, 819; *HE* 5 1995, 1029; *HE* 6 1996, 1042; *HE* 9 2003, 745 a.b.c.d.e.f; *HE* 13 2007, 992; Encarnação 1995, 269; Wodtko 1997; 2009a, *pass.*; 2010, 340-344; 2017, 36-37; 2020, 692; Búa 1999, 317-318, 323-326; 2000, 54, 459-460; Witczak 1999; 2005, 67-112, 466-467; Cardim 2002; 2013; 2014; Marco 2005, 318; Blažek 2006, 11-13; Correia 2007, 180-186, 213; 2008, 261-263; 2009, 187-188; Correia e Schattner 2010; Alfayé e Marco 2008, 289-296; Moralejo 2008, 44-48, 228-230, 301, 307; Poccetti 2009, 132-133; Vaz 2009, 92; Salinas de Frías 2010, 622-623; Schattner 2012, 284-285; Armada 2015, 134, 145; Gorrochategui e Vallejo 2015, 350; Marco 2015, 600; López e Vallejo 2018; Siles 2018; Woudhuizen 2018, 119-121 (crítica pertinente, salientando a falta de método, de objectividade filológica e de rigor teórico desta obra, por Jiménez 2018); Estarán 2019, 58; Luján 2019a, 329-330; 2019b; Simón Cornago 2019b, 67-68, 72, 84; BDHespGUA.01.01.



Fig. 1. Recente levantamento fotográfico, feito com luz rasante, da epígrafe de Cabeço das Fráguas (fot. Asociación de Amigos del Instituto Arqueológico Alemán de Madrid, in <http://www.amigos-dai.org/>).

Assim, mantêm-se íntegras as condições ideais para se poder realizar, com êxito, um levantamento de imagens conducente ao tratamento MRM, o que fizemos em Outubro de 2018. Os resultados gerais ficam patentes na fig. 2, podendo a partir deles — creio que sem margem para hesitações — fixar-se o texto do seguinte modo:

OILAM · TREBOPALA · / INDI · PORCOM · LABBO · / COMAIAM · IC-
CONA · LOIM/INNA · OILAM · VSSEAM · /⁵ TREBARV'NE' · INDI · TAVROM
/ IFADEM / RE'VE' · +R+ [...^{c.6} ...]

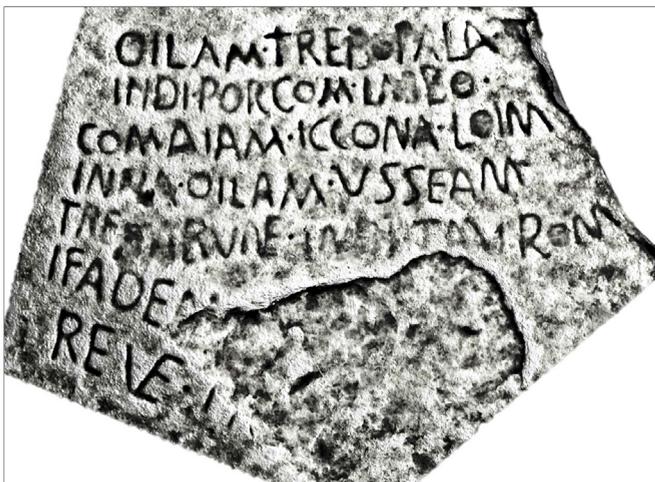


Fig. 2. Cabeço das Fráguas, levantamento MRM: a inscrição.

Debrucemo-nos agora com algum detalhe sobre a última palavra da linha 2. O seu levantamento MRM pormenorizado conduz-nos, de forma inequívoca, à leitura de Untermann (*vd.* 1997, 733, 757; 2002, 69; 2010, 82; e ainda Wodtko 1997, 740),⁶ LABBO (*vd.* fig. 3); embora o primeiro B apresente um módulo menor comparativamente ao segundo, porém equiparável, dentro do mesmo vocábulo, ao do L e ao do A e, na linha 5, ao do B de TREBARVNE; enquanto que o segundo B de LABBO, de módulo maior, se aproxima antes do B de TREBOPALA (*vd.* fig. 4).



Fig. 3. Cabeço das Fráguas, levantamento MRM: inscrição, pormenor da palavra final da linha 2.

Nestas circunstâncias, ¿como se justifica que outros autores tenham decifrado LAËBO, e mesmo que algumas fotos — como a de Gómez-Moreno (*ap.* López e Vallejo 2018, 260 fot. 4B; *vd.* fig. 5) — assemelhem efectivamente aí registrar-se um E?

A explicação é-nos dada pelo *ductus* específico com que são traçados todos os BB desta epígrafe, quer os de módulo maior quer os de módulo menor: a seis tempos, os quatro primeiros formando como que um regular E; e os derradeiros dois — os traços curvos — acrescentados, num segundo instante, a esse inicial E (*vd.* fig. 6).

6 Já antes Rodríguez Colmenero 1993, 105; 1995, 222 (cf. ainda HE 5 1995, 1029), tinha decifrado LABBO. Mas só após a tomada de posição, neste mesmo sentido, de Untermann, tal leitura passou a ser considerada como preferencial por parte de muitos investigadores (Wodtko 2009a, 6; 2010, 340, 343; 2017, 17, 36-37; Búa 1999, 317-318, 323, 325, 326; 2000, 459-460; HE 9 2003, 745 a.b; Correia 2007, 180, 182, 183; 2008, 261-262; 2009, 187; Encarnação e Guerra 2010, 108, 110; Cardim 2013, 241-243, 255; 2014, 107-109, 131 e figs. 1-2; Marco 2015, 600; Estarán 2019, 58; García Quintela 2019, 55; Simón Cornago 2019b, 67-68; e mesmo, a dada altura, Gorrochategui e Vallejo 2015, 350).

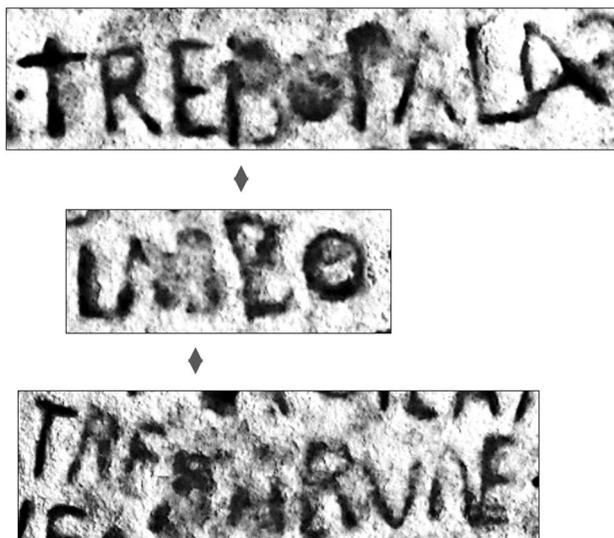


Fig. 4. Cabeço das Fráguas, levantamento MRM: inscrição, a dissemelhança modular dos BB.

Assim, no erodido β de LABBO, a terra e o musgo que de forma recorrente se fixa sobre ele, como aliás sobre todo o campo epigráfico, dificulta — e em certas ocasiões atendivelmente deturpa — a respectiva leitura, por vezes condicionando mesmo o registo fotográfico, que capta apenas o que no momento permanece visível. A prévia limpeza da lápide quanto a estes elementos intrusivos e destabilizadores, como nós próprios fizemos antes de proceder ao levantamento das imagens, revela-se essencial para o seu eficaz exame e correcta transcrição.

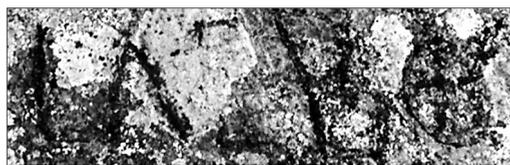


Fig. 5. Cabeço das Fráguas, detalhe de uma antiga fot. de Gómez-Moreno (*ap.* López e Vallejo 2018, 260 fot. 4B): pormenor da palavra final da linha 2.

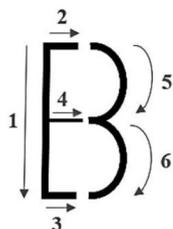
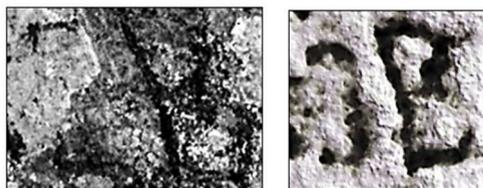


Fig. 6. Cabeço das Fráguas, inscrição: esquema do *ductus* dos BB.

Tal possibilitou-nos ainda um melhor registo da deteriorada linha 5 (*vd.* fig. 7), bem como do final da inscrição.



Fig. 7. Cabeço das Fráguas, levantamento MRM: inscrição, pormenor da erodida linha 5.

Este último merece algumas particulares observações (*vd.* fig. 8):

(a) A única razão admissível para a anómala inclinação das linhas 6 e 7, entre si paralelas mas que divergem inteiramente das anteriores, elas próprias regulares e normais, é considerar a existência, já na Antiguidade e previamente à gravação da epígrafe, de uma fractura na rocha condicionante da *ordinatio*, integrada hoje naquela que, algo mais dilatada, sucede a IFADEM e a RE‘VE’ — conforme, aliás, por várias vezes referiu já Patrício Curado (*v.g.* 2002, 71 col. 2), porém sem eco nos restantes investigadores. O seu contorno e dimensão corresponderiam, sensivelmente, à área que, na fig. 8, representámos preenchida com uma mancha mais escura.



Fig. 8. Cabeço das Fráguas, levantamento MRM: inscrição, pormenor das três últimas linhas e da fractura da rocha.

(b) Esta constatação leva-nos a outra, como igualmente viu o citado autor: que a linha 6 deverá estar completa, sucedendo-se pois RE‘VE’, no texto original — como na actualidade —, logo a seguir a IFADEM. Aliás, tal conclusão é agora confortada pela situação paralela, embora redaccionalmente inversa, documentada nas linhas 3-4 da lápide do Monte do Coelho, Arronches: REVE A HARACVI TAV[RO] / IFATE.

(c) A seguir a RE‘VE’ confirmam-se os restos de três letras, +R+. Com grande probabilidade, como é quase consensualmente admitido, estaremos perante um epíteto de tema *treb-*.

À direita da fractura não há quaisquer vestígios de caracteres, pelo que o troço restante do vocábulo deveria, de modo necessário, condicionar-se ao espaço disponível dentro dela, onde, no máximo, apenas cabem mais seis letras. A derradeira, a considerar um vestígio assaz incerto patente — a nível adequado — na extremidade dextra da depressão (cf. fig. 8), poderia revelar-se um E. Se assim fôra, cremos que não seria absurdo equacionar, como hipótese, o epíteto TṚE[BOPAL]E, supondo-o construído — tal como o teónimo *Tre-*

bopala, o primeiro a ser invocado no texto — com base num dos definidores toponímicos locais.⁷

Infelizmente não podemos ter certezas quanto à fiabilidade do mencionado E final, cuja realidade seria uma prova fundamental para admitirmos que as divindades, e seus epítetos, estariam de facto em vocativo (Cardim 2013; 2014).

1.2. O monumento rupestre

Todos sabemos que a inscrição de Cabeço das Fráguas está gravada num suporte rupestre granítico.⁸ No entanto, as representações publicadas, que se cingem quase todas ao campo epigráfico ou a pouco mais,⁹ não dão uma ideia do monumento na sua globalidade, nem ainda do seu enquadramento paisagístico.

Assim, decidimos estender o levantamento MRM ao imediato afloramento em que se inscreve o texto; e ainda inserir tal formação pétrea, em fotografia vulgar, no seu mais amplo contexto-ambiente.

7 Entenderíamos TRĒ[BOPAL]E como uma forma masc. voc. sg. de tema em -o, de acordo com a nossa interpretação do texto desta epígrafe, que cremos formado por uma série de *invocationes* em discurso directo (Cardim, 2013; 2014).

Supomos ainda que as duas primeiras divindades registadas na presente inscrição, *Trebopala* e *Labbo*, se reportam ambas — embora de forma diferente — a definidores toponímicos locais: *Labbo*, bem como o teónimo *Laepus* patente em várias aras descobertas num dado ponto do sopé do Cabeço das Fráguas (v.g. Correia, 2010, 140-142), derivados da ancestral ‘designação geomorfológica’ deste acidente orográfico, de tema *lāb-/lāp-* (Cardim, 2013, 242-243; 2014, 108-109); e *Trebopala*, assim como o suposto epíteto de *Reve*, nom. sg. reconstit. **Trebopalo*, baseados na possível ‘designação funcional’ subjacente a este *locus sacer* (*treb-* + *pal-*) no seio da(s) comunidade(s) que, a partir de dado momento, o antropizaram e integraram na sua estrutura paisagística político-cultural.

8 O campo epigráfico mede c. 180 cm de altura x c. 240 cm de largura. A altura da maioria das letras oscila entre c. 8 cm e c. 18 cm, havendo ainda alguns OO de módulo inferior, entre 4 cm e 7 cm. A inscrição datará do séc. I d.C..

9 Constituem excepção, neste aspecto, os estudos de Correia 2010 e de Correia e Schattner 2010, que visam, dentro dos limites decorrentes dos dados proporcionados pelas recentes pesquisas arqueológicas e pelo exame morfológico do espaço natural envolvente, a integralidade do santuário. E ainda, no género descritivo elementar, as antigas notícias da prospecção do sítio elaboradas por Almeida 1943, 51-56 e Vasco Rodrigues 1959.

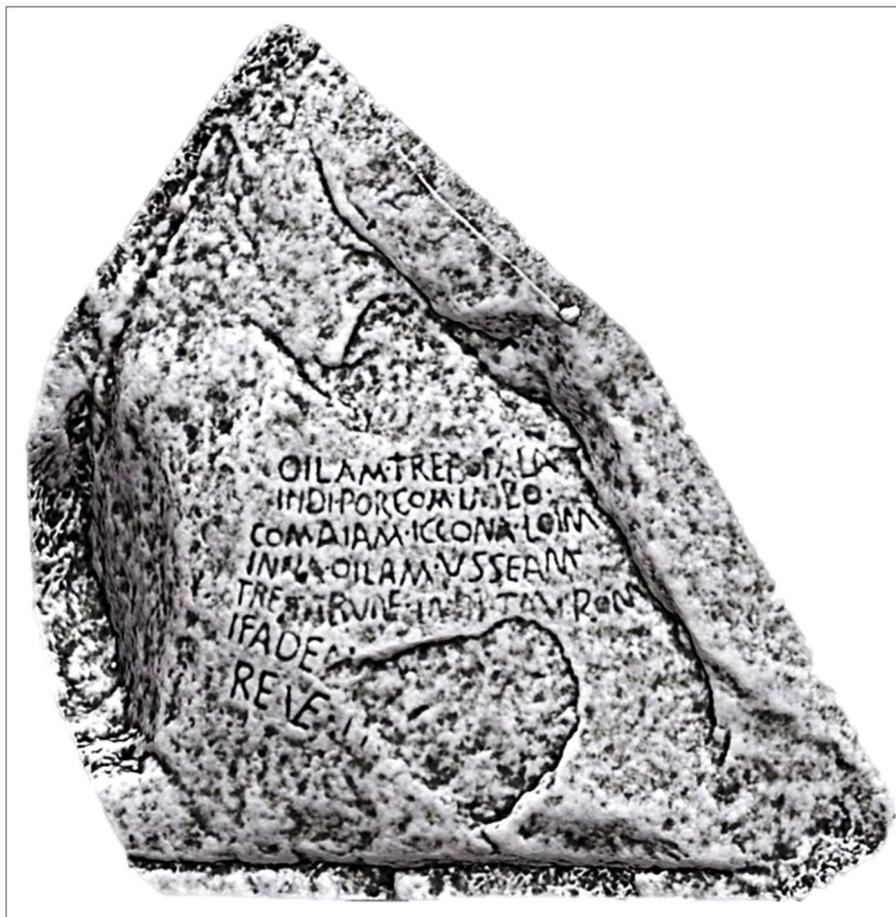


Fig. 9. Cabeço das Fráguas, levantamento MRM: o monumento rupestre, perspectiva geral 1.

As representações obtidas através do MRM evidenciam ter a inscrição aproveitado uma rocha sensivelmente em forma de mesa, cuja superfície cimeira — a epigrafada — se inclina suavemente, de cima para baixo, na direcção da leitura do próprio texto (figs. 9 e 10).

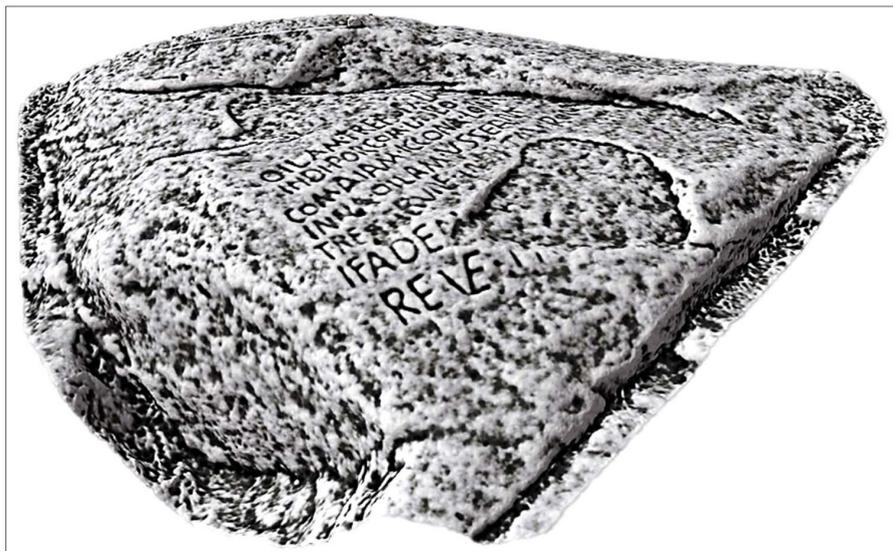


Fig. 10. Cabeço das Fráguas, levantamento MRM: o monumento rupestre, perspectiva geral 2.

Um caos de penedos rodeia por detrás essa mesa, elevando-se a uma altura suficiente para barrar, de forma imediata, a sua comunicação visual com o poente (fig. 11), situação que sem dúvida teria implicações no ritual. A mesa e a respectiva epígrafe encontram-se pois ocultas e abrigadas pela referida penedia para quem acede ao Cabeço pela encosta ocidental — ainda assim a mais acessível —, sendo necessário contornar o maciço para se atingir a pedra letreira.

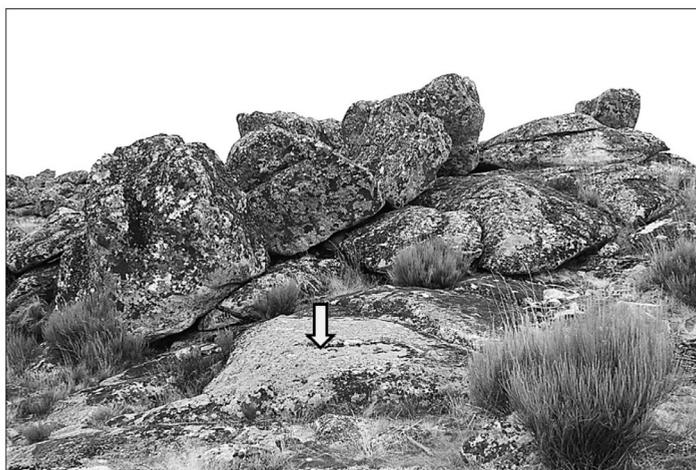


Fig. 11. Cabeço das Fráguas: a inscrição (assinalada por seta), sita na base de um caos de blocos que visualmente a oculta e isola para ocidente.

Em contrapartida, frente ao afloramento epigrafado a contemplação abre-se sem obstáculos ao Oriente, embora tal perspectiva surja como que canalizada por dois maciços rochosos que se erguem mais ao fundo do recinto sagrado, condicionando a visão a um determinado ângulo do horizonte, por onde correm várias longínquas e altaneiras cadeias montanhosas (fig. 12).

Daí emanam os raios do sol nascente que iluminam a inscrição e, nesses primeiros alvares do dia e por mais algum escasso tempo sucedâneo — e apenas então —, conferem relevo e leitura aos caracteres. Nestas circunstâncias, não poderão restar dúvidas sobre a importância das horas matutinas nas práticas rituais relacionadas com esta *invocatio* lusitana.



Fig. 12. Cabeço das Fráguas: a inscrição (assinalada por esfera), inclinada e virada ao horizonte nascente. Note-se a perspectiva circunscrita entre dois maciços rochosos, direccionando o olhar.

Seria certamente interessante e frutuoso calcular em que época do ano e a que horas nascia o sol nos vários pontos daquele troço de horizonte há cerca de dois milénios, e qual o concreto efeito de cada ângulo luzente na iluminação da mesa inscrita. Mas as nossas competências técnicas são manifestamente insuficientes para o efeito.

2. A epígrafe e o monumento rupestre de Lamas de Moledo¹⁰

2.1. A epígrafe

O levantamento MRM da inscrição de Lamas de Moledo trouxe algumas boas surpresas, designadamente quanto ao difícil e até agora controverso final da linha 9. Subsistem dúvidas, no entanto, sobretudo quanto à correcta interpretação — com, ou sem nexos — da palavra que ocupa a linha 6; e, ainda, quanto ao desenvolvimento do nexos patente no segundo epíteto de *Crougea*, na linha 9.

Assim, cumpre-nos fixar o texto conforme se segue (cf. fig. 13):

‘RVF’‘INVS’ ET / T’IRO’ SCRIP’/SE’RVN’T / VEAM’IN’ICORI /⁵
DOENTI / ‘AN’V’GOM / LAMATIGOM / CROVGAI MAGA/REAIGOI ·
PETRAV’²IOI · B’ĒL’ /¹⁰ADOM · PORGOM IOVEAI / CAIE’LOBRIGOI

10 Sobre este monumento, esta epígrafe e seu conteúdo, *vd.*: Pereira 1630, fls. 76v.-77 (publicado in Vale 1955, 121-122); Berardo 1857, 1-8; *CIL* II 416 e p. 695; Hübner 1871, 65-66 n. 2; *MLI* 57; Hübner e Gurlitt 1869, 6-11; Phillips 1870, 198 n.º 22; Holder 1962², 129 s.v. *Veannicori*; Balmori 1935; Vendryes 1936; Gómez Moreno 1942, 11-12; 1949, 204ss.; Bähr 1948, 399-401; Cortez 1951; *HAE* 1955-1956, 983; Tovar 1958, 713-714; 1960, 113-114; 1961, 91-92; 1966-67, 243 n. 1; 1985, 232-233 n. 21; Schmoll 1959, 29 n.º 127; Albertos 1975, 58 n.º 50; Faust 1975, 201; Schmidt 1985, 320-321, 325-326; Untermann 1983, 804; 1987, 64-66; 1997, 750-754 L.2; 2002, 68-69; 2018, 291-292, 741-742; Alarcão 1988a, 162-164; 1988b, 97; Vaz 1988a; 1988b; 1989; 1990; 1995, 283-289; 1997, 188-192, ests. 54-55; 2009, 89-91, 104-105; *AE* 1989, 382; *AE* 1992, 944; Curado 1989, 351-353; 1996, 155-156; 2002, 73-75; Prosdocimi 1989, 202-204; Garcia 1991, n.º 467; Villar 1991, 456; Rodríguez Colmenero 1993, 99-103 n.º 46; 1995, 216-220 n.º 46; *HE* 5 1995, 1064; *HE* 9 2003, 745 a.b.c.; Wodtko 1997; 2009a, *pass.*; 2010, 339-344; 2017, 36-37; 2020, 692; Guerra 1998, 235-237, 364-365, 655-656, est. 28; Búa 1999, 321-326; 2000, 78-79, 436-438; Prósper 2002, 57-68; 2010b, 368; Marco 2005, 318; Varvaro 2005, 122-123; Witczak 2005, 112-143, 467; Blažek 2006, 10-11; Correia 2007, 179, 212; Alfayé e Marco 2008, 289-292, 296-299; Moralejo 2008, 44-45, 49, 223, 230, 300-301; Poccetti 2009, 133; Salinas de Frías 2010, 622; García Alonso 2011, 183; Armada 2015, 145-146; Estarán 2015, 323-324; 2016, 265-269; 2019, 58-59; Gorrochategui e Vallejo 2015, 343, 350; Marco 2015, 600-601; García Quintela 2019, 56; Luján 2019a, 331; 2019b; Simón Cornago 2019a; 2019b, 67-68, 72-73, 77, 82, 84; BDHespVIS.01.01.

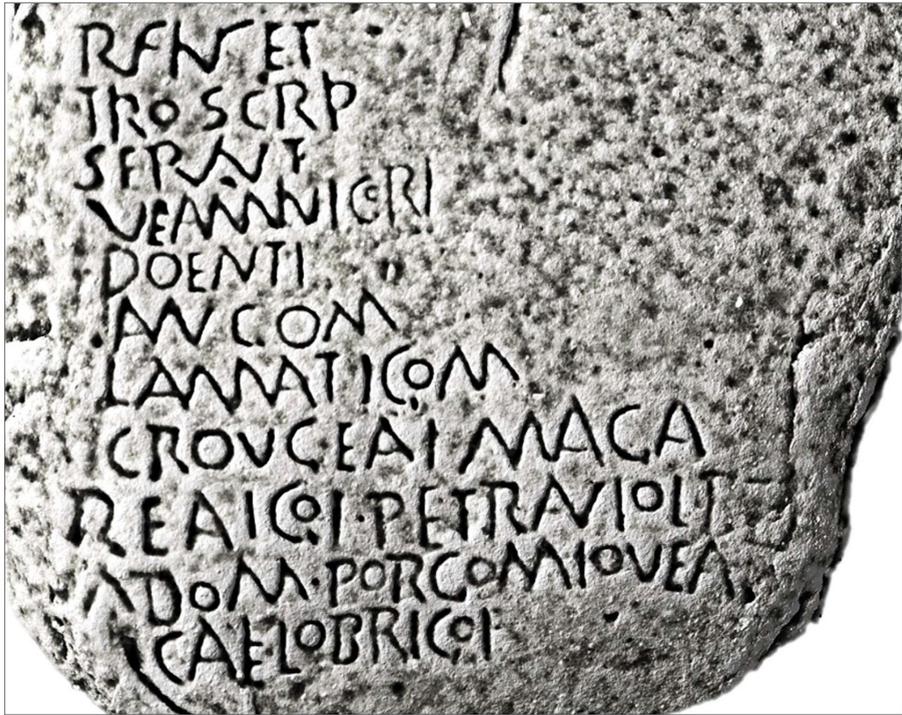


Fig. 13. Lamas de Moledo, levantamento MRM: a inscrição.

Do ponto de vista paleográfico, gostaríamos desde já de destacar dois aspectos: (a) a aleatória utilização dos CC e dos GG, o que decerto traduz hesitação no registo de fonemas muito próximos;¹¹ (b) e o emprego de dois diferentes AA, na maioria dos exemplos o vulgar caractere com a barra medial horizontal mas, num caso (início da linha 10), um A de tipo arcaico ou actuário em que a barra é substituída por um curto traço central aposto na base da letra.

Note-se que o levantamento MRM aparenta evidenciar, a meio da linha 3, um outro A actuário, ora em nexu, parecendo mudar para SCR'IP'/SER'AN'T a habitual leitura SCR'IP'/SE'RVN'T (vd. fig. 14).¹² Embora muitíssimo mais

11 Como, aliás, tantas vezes sucede na epigrafia latina, p.ex. na frequentíssima alternância C(aius)/G(aius).

12 Na verdade, já o desenho feito em 1868 por Gurlitt à vista do monumento (Hübner e Gurlitt 1869, 8), devidamente aproveitado por Hübner in *CIL* II p. 695, Ad. N. 416, reproduz com fidelidade o curto traço que, ao nível da linha 3, consta na pedra e parece integrar um A actuário. Porém, o professor da Universidade de Berlim nunca se refere de forma expressa a este detalhe e mantém, sempre, a leitura SCR'IP'/SE'RVN'T, chegando

rara a nível epigráfico, a eventual presença de uma forma da 3.^a pessoa do pl. do pretérito mais-que-perfeito do indicativo, ao invés de uma do pretérito perfeito, não seria impossível, já que existem alguns inquestionáveis paralelos. Assim, segundo uma pesquisa na EDH, destacaremos um exemplo de *debuerant*¹³ (HD063117, *Dalmatia*, séc. II-III d.C.); outro de *decreverant*¹⁴ (HD027576, *Mauretania Caesariensis*, séc. II d.C.); dois de *dederant*¹⁵ (HD023255, *Regio I*, séc. II d.C. e HD000733, *Regio II*, séc. I d.C.); um de *fecerant*¹⁶ (HD064662, *Macedonia*, séc. II-III d.C.); cinco de *fueraunt*¹⁷ (desi-gnadamente HD021676, *Numidia*); um de *posuerant*¹⁸ (HD048895, *Dacia*, sécs. II-III d.C.).



Fig. 14. Lamas de Moledo, levantamento MRM: inscrição, pormenor do nexu ‘RVN’, linha 3.

Porém, na mesma área do campo epigráfico detectam-se vários pontos — ou pequenos traços — sem qualquer dúvida de génese accidental mas, no levantamento MRM, tão nítidos e vincados como os sulcos das próprias letras (*vd.* fig. 15). Deveremos portanto interrogar-nos se tal casualidade não abrangerá também o detalhe que temos vindo a analisar. A correcta solução fica clara se repararmos que o traço que sucede ao R se prolonga para cima do ponto tangencial com a subsequente oblíqua,¹⁹ esclarecendo-nos este pormenor paleográfico que depois do R — e em nexu com esta letra — se pretendeu de facto registar um V; o qual por sua vez se articula — igualmente em nexu — com um N. Confirma-se pois, sem margem para dúvidas, a habitual leitura SCR‘IP’/SE‘RVN’T.

mesmo a omitir o referido pequeno sulco no esboço da epígrafe que, mais tarde, publica nos *MLI* 57.

13 Contra apenas, igualmente, um só exemplo de *debuerunt* in EDH.

14 Contra 14 exemplos de *decreverunt* in EDH.

15 Contra 53 exemplos de *dederunt* in EDH.

16 Contra 1520 exemplos de *fecerunt* in EDH.

17 Contra 60 exemplos de *fueraunt* in EDH.

18 Contra 442 exemplos de *posuerunt* in EDH.

19 *Vd.* fig. 14, segmento assinalado por pequena seta.

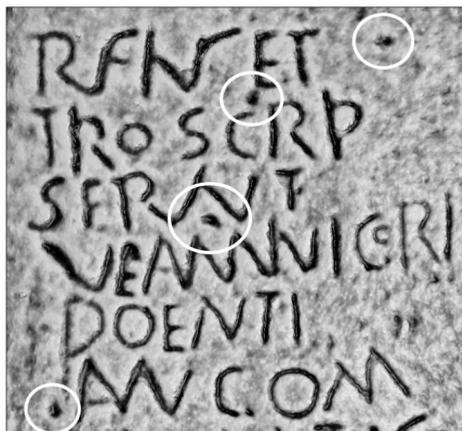


Fig. 15. Lamas de Moledo, levantamento MRM: inscrição, pormenor que evidencia vários “falsos pontos”.

No que se refere ao difícil final da linha 9, o levantamento MRM asseverou que a letra a seguir a PETRAV[?]IOI é na verdade um B̄ (vd. fig. 16), conforme propuséramos já em estudo anterior (Cardim 2014, 131 e n. 43).²⁰

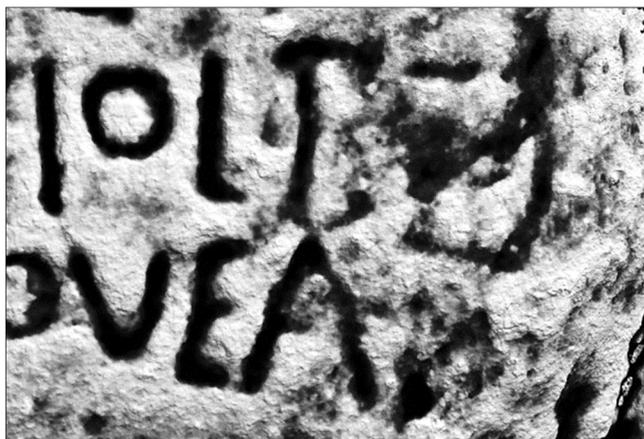


Fig. 16. Lamas de Moledo, levantamento MRM: inscrição, pormenor do final das linhas 9 e 10.

Porém a maior novidade residuiu na efectiva constatação de existir ainda um outro caractere depois do B̄, na extremidade da linha 9, confirmando as-

20 E não, como mais vulgarmente tem sido considerado, um R ou mesmo um simples T.

sim judiciosa apreciação desde há muito expressa por Patrício Curado 2002, 73 col. 2 al. b., geralmente ignorada. Distinguem-se claros restos de um E: a haste vertical — embora interrompida a meio — e as barras superior e inferior. Mas esta última prolonga-se para a direita: tratar-se-á assim, cremos bem, de um nexu ‘EL. O que nos conduz, conjugando o fim da linha 9 (fig. 16) e o início da 10 (fig. 17), à leitura da forma acusativa B’ĒL’/ADOM.

Sob o ponto de vista fonético é interessante notarmos que, na epígrafe, começou por se gravar B’ĒL’/ATOM, alterando-se seguidamente o T para D (cf. fig.17). O que mais uma vez vem comprovar a vincada proximidade na língua lusitana, em posição intervocálica, entre oclusivas alveolares surdas e sonoras — e a consequente hesitação aquando da sua representação gráfica (vd. v.g. Vallejo 2013, 282; Wodtko 2017, 21; Luján 2019, 310).



Fig. 17. Lamas de Moledo, levantamento MRM: inscrição, pormenor do início da linha 10.

Antes de continuarmos com a análise dos resultados do levantamento, perseguindo a fixação do texto, ou pelo menos a redução e a caracterização lógica das alternativas de leitura, cumpre-nos tecer algumas considerações interpretativas não apenas sobre o vocábulo *beladom*, mas ainda sobre o sintagma *beladom porgom* (=porcom).

Belado, *-onis*, está registado como epíteto gaulês de Marte (Delamarre 2007, 38 col. 3; Rémy 2017, 305-306 n.ºs 22-24), sendo muito provável que o seu significado se baseie no tema *bel(l)ō-*, “forte, poderoso” (Delamarre 2003², 71-72; 2007, 213, col. 1), da raiz PIE **bel-*, “forte” (*IEW* 96; cf. Vallejo 2005, 208-209): *Belado*, “o poderoso” (v.g. Rémy 2017, 292).²¹

21 Renel 1906, 312 n. 1, porém sem referir as suas bases ou referências, afirma que o sentido de *Belado* seria “o destruidor”, no que é acriticamente seguido por vários autores não apenas da geração seguinte, p.ex. Toutain 1920, 214, mas também por outros bastante mais recentes, como Olmsted 1994, 334.

Idêntico tema encontramos-lo, decerto, na forma teonímia composta *Belatu-cadros/-us*, amplamente documentada na Britânia e que aí surge por vezes também utilizada como epíteto de Marte (Haeussler 2008, 41; De Bernardo 2013, 85 col. 2 § 5.4).²² Não será inoportuno salientar aqui a duplicidade gráfica *Belado / Belatu-*, recordando a hesitação verificada no registo epigráfico de Lamas de Moledo.

Em Lusitano, a expressão *beladom porgom* (=porcom) referir-se-á assim a uma espécie, a um tipo de suídeo especialmente robusto e de constituição poderosa, com grande probabilidade a um varrasco, a um berrão, por definição um “porco não castrado” — e, por isso, tendente a evidenciar-se mais a sua força, o seu vigor.

Resta assinalar que nesta formação, *beladom porgom*, o posicionamento entre o adjectivo e o substantivo por ele qualificado nos surge invertido em relação ao que observamos nas linhas 6-7, em *anu'gom lamatigom*, subs. + adj., que aliás segue a mesma e normal estrutura, que aqui também vemos, na sequência teónimos (subss.) + epítetos (adjs.). A razão de tal aparente anomalia deverá residir, cremos, no facto de *beladom porgom* não constituir uma simples e ocasional exposição frásica adj. + subs., mas sim um composto em si mesmo compreendido como uma recorrente unidade semântica, conforme, v.g., acontece com o lat. vulg. *singularis porcus* (Du Cange ed. 1954, VI 493 cols. 2-3).²³



Fig. 18. Lamas de Moledo, levantamento MRM: inscrição, pormenor, linhas 6 e 7.

22 De facto, *belad-* / *belat-* deverão constituir grafias diferentes do mesmo tema (cf. Schmidt 1957, 145), que em alguns vocábulos surge inclusive vocalizado em *-a-* (vd. Vallejo 2005, 208-209); e não, como sugere Delamarre 2003², 70; 2007, 212 col. 3, de um outro, diverso, “à la signification mal assurée”.

23 Embora divergindo na leitura do qualificativo, Prósper 2002, 65-66, salienta já esta aparente anomalia na ordem das palavras e apresenta uma solução metodologicamente idêntica à nossa.

Voltando à pedra, quanto ao I da desinência de IOVEAI ele não surge absolutamente nítido nas imagens (*vd.* figs. 13 e 16), mas a sua presença é todavia indiscutível.

Debrucemo-nos, agora, sobre a complexa e controversa questão dos nexos, patentes ou não nas linhas 6 e 7 (fig. 18); e ainda no do segundo epíteto de *Crougea*, na linha 9, este indiscutivelmente existente (fig. 19).

(a) Em primeiro lugar comparemos a estrutura dos dois inequívocos nexos de letras angulares patentes nesta epígrafe, os das linhas 3 e 9 (fig. 20, a.d.). Embora não haja dúvidas de que o primeiro se desenvolve como ‘RVN’, no âmbito da forma verbal latina *scr’ip’sē’run’t*, quanto ao segundo o mero exame paleográfico não permite decidir se se trata de ‘AN’, ou antes, em alternativa, de ‘AV’.

Apenas a interpretação filológica que cada autor considere como mais pertinente no domínio da geral compreensão deste texto e deste monumento poderá proporcionar uma opção. No nosso caso, admitimos como preferível o desenvolvimento ‘AV’, supondo PETRAV’IOI como forma dativa de um vocábulo lusitano correspondente ao adj. lat. *quadriuius*, “o dos quatro caminhos”. Recordemos que existem paralelos aproximados no acervo teonímico romano, qualificando sobretudo *deae* mas, em certos casos, também *dii* — e, noutros, simultaneamente *dii* e *deae* (síntese in Panaite 2013; *vd.* ainda Toutain 1907, 328).²⁴ Contamos voltar oportunamente a este tema, num estudo sobre *Crouga* / *Crougea* / *Corougia* e o significado histórico conjuntural do penedo e do texto de Lamas de Moledo.

(b) Quanto à linha 6 (*vd.* fig. 20 b), o problema reside em saber se estamos perante uma simples sequência AN, em que acidentalmente a extremidade inferior da segunda oblíqua do A toca na extremidade inferior da primeira oblíqua do N — como talvez aconteça na linha 7 entre o primeiro A e o início do M, e o final do M e o segundo A, de *lamaticom* (fig. 20 c); ou se, de facto, se trata de um nexos — e, nesta eventualidade, de que letras.

24 De entre eles destaquemos aquele que, na Germânia, foi — tal como o monumento de Lamas — colocado por uma comunidade local: *Diis Quadrubis vicani Bibienses d. s. p* (CIL XIII 6315); e, ainda, o único exemplar hispânico conhecido, de Laguardia, Avila, consagrado, se a interpretação da epígrafe estiver correcta, *Laribus Q(adri)v(iis)* (Elorza 1967, n.º 77 = HAE 2546).



Fig. 19. Lamas de Moledo, levantamento MRM: inscrição, pormenor, final da linha 9.

Se optarmos por esta última solução, porventura mais provável — repararemos na apertada junção das letras antes de -GOM, contrastando de forma manifesta com os espaçamentos sucedâneos —, poderemos considerar quer A'NV'GOM quer, embora mais dificilmente, 'ANNV'GOM, passível de comparar com o lat. vulg. *annuc-ulus*, “com um ano de idade”.²⁵

Evidentemente que outras opções são possíveis, como, *v.g.*, a de Prósper 2002, 65, autora que prefere a versão singela, ANGOM, recusando a existência de nexos e observando que “no se puede desestimar del todo (...) la idea de que ANCOM representa el resultado de PIE $*H_2eg^wno-$, ‘cordero’ com perda del apêndice labial ante nasal como sucede com lat. *agnus*, y luego com representación <ANC>- en lusitano por metátesis”. Aliás, a própria forma A'NV'GOM, ou 'ANNV'GOM, poderia porventura remeter para o significado de ‘pequeno cordeiro’ se admitíssemos como possível, em Lusitano, a assimilação -gn->n(n), fenómeno para o qual — cremos — não existem por enquanto paralelos nem confirmativos nem impeditivos.²⁶

25 Cf., no léxico hispânico alto-medieval — e com o preciso significado de um determinado animal com um ano de idade —, não apenas *an(n)ol(l)io/-a*, do lat. vulg. *annuculus*, mas também *an(n)ogo*, coincidentemente tão próximo da possível forma lusitana ac. *an(n)ugom* (vd. Menéndez Pidal *et al.* 2008, 51 col. 2, s.v. *annolio*).

26 Até ao momento, em âmbito lusitano, documentou-se apenas a eventual queda do -g- em posição intervocálica (Vallejo 2005, 707). A nível do latim provincial hispânico cfr., porém, INNOTV[M] por *ignotum* numa epígrafe emeritense datável de entre 180-230 d.C. (*HE* 18, 32 = *AE* 2009, 519, l. 9; Tantimonaco 2017, 181 e 292 § *gn*).

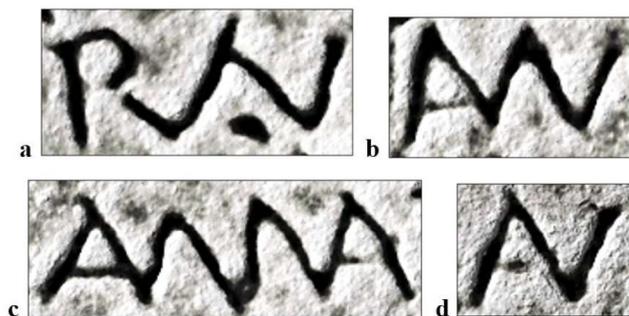


Fig. 20. Lamas de Moledo, levantamento MRM: inscrição, pormenor de nexos/letras angulares juntas nas linhas 3 (a), 6 (b), 7 (c) e 9 (d).

Admissíveis são também, sob o estrito ponto de vista paleográfico, os desenvolvimentos ‘AMNV’GOM, ‘AMV’GOM e, sobretudo, ‘AV’VGOM, que teria um possível bom paralelo em PETRAV’IOI. Mas a sua interpretação útil afigura-se ainda mais problemática do que as que antes referimos.

(c) Por fim, quanto à linha 7, Untermann *MLH* IV 730 § 210 e Wodtko *MLH* IV 740; 2017, 36; 2020, 700, equacionam a eventualidade de estarmos perante a forma geminada LA‘MM’ATICON. Na verdade, se entendermos pertinente considerar, por atendíveis razões formais, a existência de nexos na linha anterior, conforme analisámos, não existem razões de leitura objectivas para negar agora estoutra hipótese. De facto, também aqui o grupo literal AMA foi gravado como um cluster (fig. 20c), coincidindo a extremidade inferior da segunda diagonal do primeiro A com a extremidade inferior da primeira diagonal do M subsequente, e a extremidade inferior da última diagonal do M com a extremidade inferior da primeira diagonal do segundo A, permanecendo soltas, em contraste, todas as restantes letras da palavra. Porém, o exame da linha 4 atesta-nos que talvez nem sempre tais aglomerados de caracteres correspondam afinal a nexos (*vd.* fig. 21). Aqui, em VEAM’IN’ICORI,²⁷ também o A e o M se pisam um ao outro, como os da linha 7, e a extremidade inferior da última diagonal do M toca na extremidade inferior da linha comum ao I e ao N do indiscutível nexos ‘IN’. A menos que, afinal, devamos de igual modo ver nesta palavra uma (outra) forma geminada, VE‘AMMIN’ICORI, o que não nos parece provável.

27 Balmori 1935 prefere ler dois vocábulos, VEAM’IN’I CORI, interpretação que Tovar 1960, 113; 1961, 92, considera ser “bem possível”. A aparente ausência de pontuação nas primeiras linhas da epígrafe permite, na verdade, considerar esta hipótese como válida.

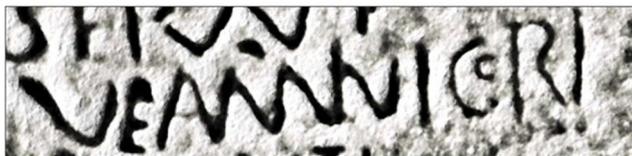


Fig. 21. Lamas de Moledo, levantamento MRM: inscrição, pormenor, linha 4.

2.2. O monumento rupestre

Contrariamente à epígrafe de Cabeço das Fráguas, que está inscrita num troço de afloramento mais ou menos plano que emerge do solo, distribuindo-se por uma superfície quase horizontal, a de Lamas de Moledo aproveita parte de uma das faces arredondadas e verticais de um enorme penedo granítico,²⁸ hoje solto e, em parte, reutilizado na construção de um rústico casebre, ora arruinado, sito já na periferia da povoação.

O exame directo e a fotografia tradicional do texto lusitano são dificultados pelo actual posicionamento do bloco, que não é o original, e ainda pelo referido arredondado parietal que afecta, também, o campo epigráfico. Pela primeira vez, graças ao MRM, podemos por fim contemplar e estudar a epígrafe, em detalhe e sem entraves, numa versão quase planificada (fig. 13); e ainda observar a sua inserção no respectivo suporte rupestre graficamente restituído à orientação original (fig. 22).

Este imponente penedo, como é notório quando se investigam as suas imediatas cercanias, fazia parte de um caos de blocos ainda parcialmente conservado, embora boa parte de tais monólitos haja sido em séculos recentes desarticulada do conjunto para ser reutilizada nas hodiernas construções anexas a este acidente natural. É pois no referido contexto visual e ambiental que temos de imaginar o monumento à época em que este foi concebido: um grandioso bloco, com as faces inferior e superior sensivelmente planas mas com as paredes boleadas — e, sobre uma delas, gravado o texto, com letras então profundas e bem legíveis —, inserido numa pequena colina formada por um conjunto de outros blocos líticos igualmente volumosos e impositivos ao olhar.

28 O campo epigráfico mede c. 171 cm de altura x c. 159 cm de largura. A altura da maioria das letras oscila entre c. 9 cm e c. 15 cm, havendo ainda alguns OO de módulo inferior, entre 4 cm e 6 cm. A inscrição datará do séc. I d.C., porventura já da segunda metade (Simón Cornago 2019a, 176).

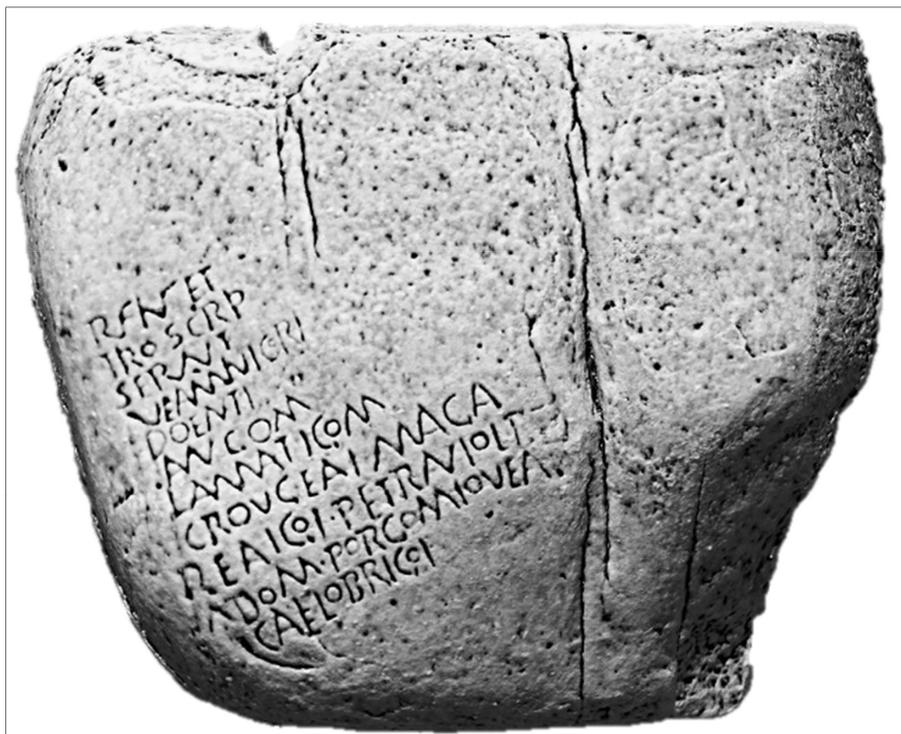


Fig. 22. Lamas de Moledo, levantamento MRM: o monumento rupestre, perspectiva geral da face epigrafada.

Não nos é possível adivinhar o lugar exacto do penedo epigrafado no âmbito dessa colina rochosa, mas sem dúvida que se encontraria assaz visível e destacado perante quem passasse, de molde a evidenciar o seu letreiro e a transmitir o conteúdo nele exarado. O lugar seria ermo²⁹ e dominado por este acidente geomorfológico, um dos vários do mesmo tipo — e não o maior — que por ali se erguem. Mas, decerto, este distinguir-se-ia por qualquer razão, já que foi o escolhido para registar tão importante texto. Seguramente não seria porém um santuário, na acepção do de Cabeço das Fráguas, dotado de estruturas várias edificadas e reedificadas ao longo de séculos (Correia e Schattner 2010). Mas pela base da colina passariam pessoas, primordiais destinatários da mensagem escrita. E, se a nossa interpretação do segundo epíteto de *Crougea* fôr a acertada, porventura junto aos penedos convergiriam quatro caminhos, formando um *quadrivium*.

29 Até hoje nunca foram, neste sítio, detectados quaisquer vestígios arqueológicos para além do monumento epigráfico.

3. Lápide do Monte do Coelho, Arronches³⁰

3.1. A epígrafe

Uma imagem geral de toda a lápide de Arronches (figs. 23),³¹ obtida segundo o MRM, foi já alvo de anterior publicação (Cardim 2016b). Porém, a ampliação do campo epigráfico (fig. 24) e ainda a inclusão de pormenores expressamente trabalhados a várias escalas (figs. 25-33) permitir-nos-á agora oferecer uma proposta superior quanto à fixação do respectivo texto.³²

ḤARE ++?AM · OILAM · ERBAM [...^{c.6}...] / HARASE OILA · X · BROE-
NEIAE ḤA[RACAE] / OILA · X · REVE · A · HARACVI · T·AV[RO] / IFATE ·
X · BANDI · HARAGVI · AVR[..^{*4}..] /⁵ MVNITIE · CARLA CANTIBIDONE ·
A[..^{c.3-4}..] / APINVS · VENDICVS · ERIAÇAINVS / OVCVḤANI / ICCINVI ·
PANDITI · ATTEDIA · M · TR / PVMPI · CANTI · AILATIO

30 Sobre esta lápide, esta epígrafe e seu conteúdo, *vd.*: Alfayé e Marco 2008, 291-292; Encarnação *et al.* 2008a; 2008b; Encarnação e Guerra 2010, 95-96; Prósper e Villar 2009; Prósper 2010b, 369; 2010c; Vaz 2009, 94-95; Wodtko 2009a, *pass.*; 2009b; 2010, 340-344; 2017, 36, 38; 2020, 694; Blázquez 2010, 58-59 n.º 1; Cardim 2010; 2015; 2016; *HE* 17 2011, 251 a.b; *HE* 19 2013, 534; García Alonso 2011, 183-184; Armada 2015, 146-147; Gorrochategui e Vallejo 2015, 344, 351; Marco 2015, 601-603; Siles 2017; Estarán 2019, 58; García Quintela 2019, 54-55, 59; Luján 2019a, 332; 2019b; Simón Cornago 2019b, 67-68, 72, 77, 82, 84; 2020, 1090; BDHespPOA.01.01.

31 Trata-se de uma laje de grauvaque com 89,5 de altura, 79 cm de largura máxima e com uma espessura oscilando entre 3,5 cm e 14 cm. A altura média das letras é de 2,8 cm. Esta lápide datará do séc. I d.C., porventura ainda da primeira metade (Cardim 2010, 49; 2016, 34; De Hoz 2013, 88).

32 Representamos mais claras as quatro letras iniciais, cuja leitura não podemos garantir com total segurança.

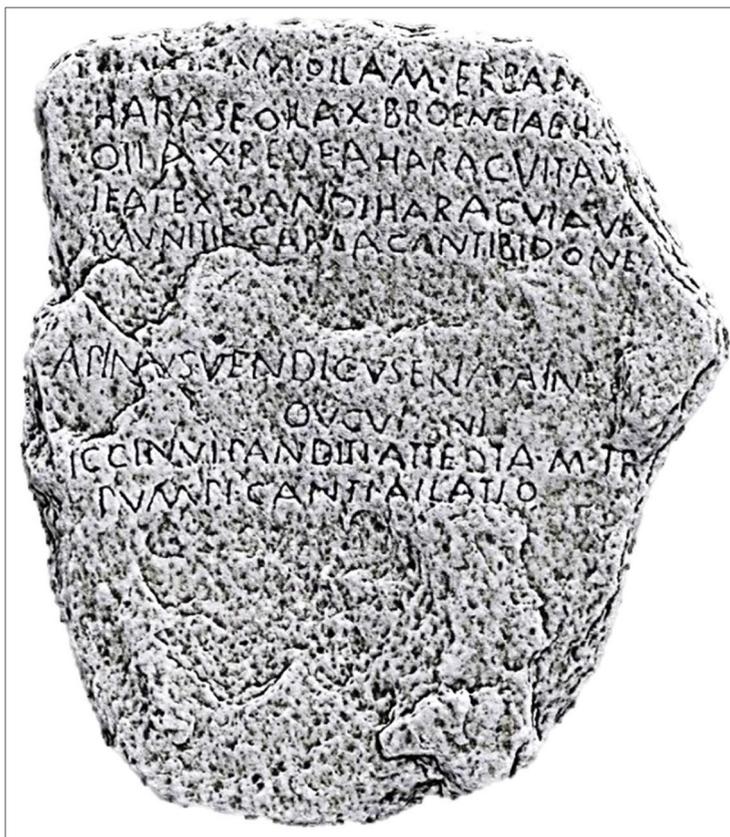


Fig. 23. Monte do Coelho, Arronches, levantamento MRM: a lápide.

Analiseemos agora aos detalhes relativos às interpretações que, até ao momento, têm provocado maior controvérsia:

(a) *Punctum distinguens*, no meio da linha 3, entre A(---) e HARACVI:

A efectiva presença deste ponto, muito erodido mas que se vê bastante bem quer no levantamento MRM (fig. 25 a) quer numa fotografia com luz rasante, assaz elucidativa, que já antes publicámos (fig. 25 b; *vd.* Cardim 2010, 61 fig. 5) — aliás situado de forma sensível à mesma altura do anterior, entre o E e o A —, é deveras significativa para a correcta interpretação deste passo da epígrafe, pois impele-nos a considerar que o A após REVE deverá constituir, com toda a probabilidade, uma abreviatura — plausivelmente do epíteto latino *A(ugusto)*.³³

33 Como defendemos já anteriormente (Cardim 2010, 48-49 e 54) quanto às abreviaturas patentes nesta lápide (a meio da linha 3 e no final da linha 8), na inexistência de uma

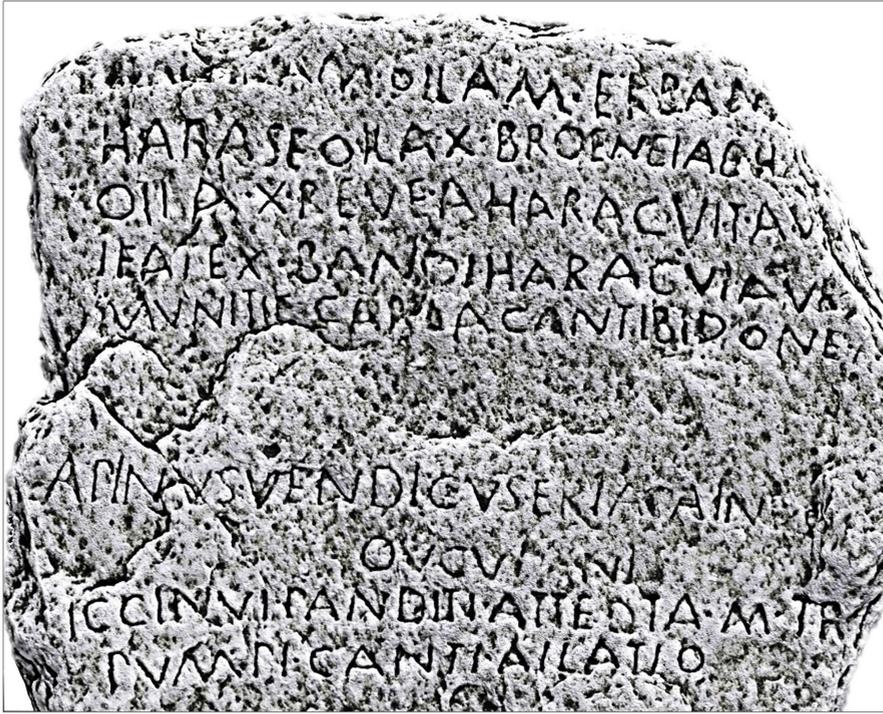


Fig. 24. Monte do Coelho, Arronches, levantamento MRM: a inscrição.

Tal conclusão liberta-nos de um problema fonético e ortográfico assaz difícil de compreender e de explicar: o de porventura se encontrarem registadas, na mesma epígrafe — aliás logo em duas linhas consecutivas e ambas como epíteto de divindades masculinas —, as formas **Aharacui* (linha 3) e *Haracui* (linha 4); acrescento que o mesmo tema, *har-*, surge ainda aqui em *Harase* (linha 2) e, diríamos que por certo, também em *Hq[racae]* (linha 2).³⁴

tradição de escrita lusitana com as suas regras e normas convenientemente estabelecidas e generalizadas, a explicação “que nos parece mais adequada, ou verosímil, admite que em tais casos estaremos perante palavras ou expressões latinas cuja abreviatura conste dos formulários epigráficos correntes durante a Romanidade”.

34 Tal como nós, Luján 2019, 332, e o banco de dados *Hesperia*, interpretam REVE A HARACVI.

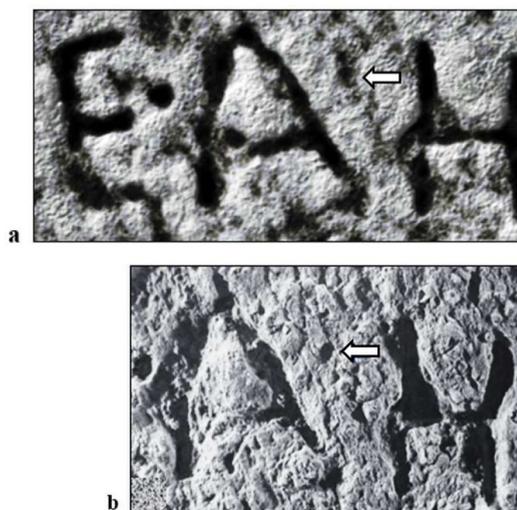


Fig. 25. Monte do Coelho, pormenor do ponto entre o A e o H no meio da linha 3:

(b) Segunda palavra da linha 5, CARLA:

Quer os editores *principes* desta epígrafe (Encarnação *et al.* 2008a; 2008b), quer investigadores como Prósper e Villar 2009, decifram CARIA. Apesar de havermos com fundamentação estabelecido CARLA em anteriores leituras — designadamente nas mais recentes, alicerçados já nas imagens conseguidas através do MRM — e da assunção deste vocábulo também, *v.g.*, por Vallejo 2013, 285, Wodtko 2017, 36, ou Luján 2019, 332, cremos oportuno voltar ao assunto ora com base em imagens pormenorizadas, de forma a que fiquem dissipadas todas e quaisquer dúvidas que ainda possam subsistir.



Fig. 26. Monte do Coelho, levantamento MRM: inscrição, linha 5, CARLA.

Remetemos pois o leitor para a fig. 26, cujo exame bastará para se concluir de forma taxativa que o está gravado na estela é, de facto, CARLA. Inclusive, o

R e o L estão completos, e não truncados como supusemos nos nossos estudos precedentes (Cardim 2010; 2016a; 2016b). O que aqui acontece de especial diz apenas respeito à diversidade modular dos caracteres utilizados: o C e o L são menores do que as restantes letras da palavra, mera particularidade paleográfica.

Morfologicamente entendemos *carla* como uma forma gen. sg. cuja desinência derivará do PIE **-eh₂es* e que, no mundo itálico, poderemos paralelizar com os genitivos em *-as* da 1.^a declinação documentados, v.g., no Latim arcaico, no Osco e no Umbro, admitindo o pressuposto de que tal desinência, nesta fase da língua lusitana — e do mesmo modo que as das formas acusativas plurais patentes nesta mesma epígrafe —, teria perdido a sibilante final (cf. Cardim 2016a, 37). Idêntico vocábulo surge-nos, muitíssimo provavelmente em locativo, *carlae*, nas inscrições “Arroyo I” e “Arroyo III”. A respectiva origem etimológica é consensual: do substrato pré-romano **kar-*, ‘pedra’, por sua vez derivado do PIE **ker-*, ‘cortar’. Porém, a realidade concreta a que esta palavra se reporta, nos textos em análise, é controversa. Prósper 2002, 70-71, na sequência de Villar e de Pedrero 2001, 670-673, e circunscrevendo-se aos exemplos da região de Arroyo de la Luz, os únicos então conhecidos, supõe tratar-se do antigo topónimo a que se reportariam tais monumentos; idêntico caminho interpretativo é feito, de forma independente, por Witczak 2005, 153 e n. 294. Pelo nosso lado, e atendendo ainda ao exemplo de Arronches, propusemos — e continuamos a propor — que *carla / carlae* seja, em Lusitano, um substantivo comum, com o significado aproximado de “lápide”; e que, de uma forma ou de outra, a sua menção nas citadas três epígrafes se refira afinal, respectivamente, a cada um desses mesmos concretos suportes pétreos (Cardim 2016a, 37).

(c) Palavra que ocupa integralmente a linha 7, OVCVPANI:

De uma forma geral, todos os investigadores concordam que este vocábulo qualifica, em conjunto, os três indivíduos designados, na linha anterior, com nomes paleohispânicos latinizados: *Apinus*, *Vendicus* e *Eriacainus*. Tratar-se-á, pois, de um nominativo plural de tema em *-o*.

Questão diferente é a sua integral e correcta leitura e consequente interpretação filológica, já que alguns caracteres se encontram muito erodidos. Assim, na *editio princeps* este termo foi decifrado, embora dubitativamente, como OVOVIANI, e entendido como ‘os ovelheiros’ (Encarnação *et al.* 2008a, 97 e 99-100; 2008b, 172 e 174); esta hipótese de leitura é mantida por Wodtko 2017, 36. Por sua vez, Prósper e Villar 2009, 4, propõem OVGVI[-]ANI;

Vallejo 2013, 285, *oucuiani*; e Luján 2019, 332, OVG \bar{V} ++NI, embora em nota indique a nossa versão, OVG \bar{V} ṚANI, que supuséramos poder corresponder, quanto ao seu radical e ainda do ponto de vista semântico, ao Lat. *augures* (Cardim 2010, 43 e 51; 2016, 34).

A proposta de leitura OVG \bar{V} ṚANI é, hoje, a que recolhe o banco de dados *Hesperia*, embora — aliás com toda a razão — seja aí posta em causa a interpretação filológica que adiantáramos. De facto, não subsistem dúvidas de que o Lusitano mantém, sem alteração, o ditongo **au* (Vallejo 2005, 697); conforme, finalmente, se verifica nesta mesma inscrição em TAV[RO] (linha 3) e em AVR[..^{*}4..] (final da linha 4). Neste contexto, será um desatento contrassenso fonético considerar, como então fizemos, a suposta mutação *au* > *ou*.

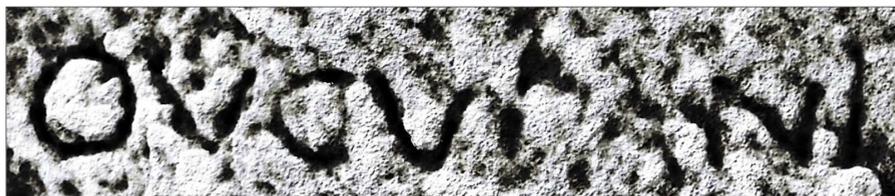


Fig. 27. Monte do Coelho, levantamento MRM: inscrição, pormenor, linha 7.

Mas, na verdade, a própria leitura OVG \bar{V} ṚANI fica agora invalidada pelo novel levantamento MRM (*vd.* figs. 27 e 28). É certo que, quanto à letra que consideráramos um Ṛ, aqui se evidencia possuir, de facto, uma curvatura superior lançada para a direita da haste; porém, o traço que julgáramos constituir os vestígios inferiores de uma diagonal desse mesmo caractere pertence já, afinal, à primeira oblíqua do A subsequente — esta, uma letra que ora deverá ser considerada como absolutamente segura.

A decifração correcta, pois, afigura-se-nos — sem margem para veras hesitações — OVCVṔANI. Na fig. 28 aproximámos visualmente o grupo ṔAN, desta palavra, com grupo idêntico patente em PANDITI,³⁵ na linha 8; e, ainda,

35 Temos sérias dúvidas de que a pequena depressão na pedra entre o I e o T de PANDIT possa ser interpretada, conforme tende a considerar Wodtko 2009a, 5, 7, 36; 2010, 341, 342; 2017, 19, 36; 2020, n. 33, um *punctus distinguens*, atendendo à sua posição abaixada e quase tangente ao I, diferente pois das dos *puncta* propriamente ditos, que surgem gravados a meia altura das linhas e centrados em relação às letras que os ladeiam. Supomos, pois, tratar-se de um mero *ludus naturae* ou, talvez preferivelmente, de uma marca de deterioração, como tantas outras similares que a lápide possui. Mas, se de facto estivéramos perante um *punctus* gravado pelo lapicida, tal não nos obrigaria a dividir

com o P de *pumpi*, no início da última regra. O atento exame comparativo destas três representações tranquiliza-nos quanto à nossa actual opção de leitura, pese embora o profundo desgaste do P de OVCVPANI. Todos os referidos PP apresentam bastante aberto o respectivo traço 2, que parte do topo superior da haste através de um curto segmento de reta horizontal, a partir do qual então se desenvolve uma pequena curva, que termina solta e afastada da vertical. É este mesmo esquema construtivo e formal que se detecta nas imagens do MRM quanto à difícil letra da linha 7 (fig. 28 a).³⁶

Difícilmente nos atrevemos a propor uma explicação etimológica e semântica para tal vocábulo. Porventura estaremos perante uma forma ternária, *ou-cup-ani*. Neste composto, *ou-* será um prefixo cuja opção ortográfica procuraria reproduzir o som de um derivado do PIE **h₁opi*, ‘em’, ‘por’ (De Vaan 2008, 421), a confrontar com o Lat. **ob-cupare* > *occupare*, ‘ocupar’, ‘apropriar-se’, ‘tomar posse’ (designadamente de um espaço).³⁷ Por outro lado, o sufixo *-an* indica ‘pertença a’ *Apinus*, *Vendicus* e *Eriacainus*, *ocupani*, seriam pois os representantes, no ritual comemorado na lápide — que, por outras razões, supusemos já de *inauguratio* (Cardim 2016a, 39) —, do grupo que tomou posse do terreno / território onde ora implantara / fundara um (novo) povoado, ou ocupara e refundara um já anteriormente existente.

letras que tudo leva a crer pertençam afinal à mesma palavra — neste caso à forma verbal PANDITI, em confronto com DOENTI (Lamas) e RVETI (Arroyo 3) —, visto que existe na pedra um claro exemplo de *punctus* disfuncional, em concreto no final da linha 3, entre o T e o A de TAV[RO] (cf. Cardim 2010, 44 al. e).

- 36 Não pode ser um D, pois os DD desta epígrafe (linhas 4, 5, 6 e 8) são largos e não afunilam para baixo — única solução para que, se fôra um D, a respectiva curva não pisasse, em baixo, a letra seguinte. Difere extraordinariamente dos BB. Vimos já que um R não é possível, até porque também se sobreporia ao início do A. Um T também não, pois ademais não se verificam quaisquer indícios de um prolongamento da barra para a esquerda da haste. Nem um E nem um F se adequam, não havendo barra medial nem inferior. Um I não resulta, pois a letra é manifestamente mais complexa do que uma singela haste vertical. Assim, não vemos outra solução defensável senão equacionar P e ler OVCVPANI.
- 37 No entanto, como é por demais sabido, o **p* mantém-se em Lusitano em todas as posições documentadas. Para admitir esta nossa sugestão teríamos pois de considerar uma eventual influência do latim *ob-*, não havendo depois obstáculo para a troca / vocalização do *-b-* por *-u-*. Outra solução seria supor que, dentro do próprio domínio linguístico lusitano, no contexto fonético proporcionado pela inusitada sequência consonântica *-pc-*, o *-p-* do sufixo haja sonorizado em *-b-*, vocalizando-se em seguida por comodidade de pronúncia.

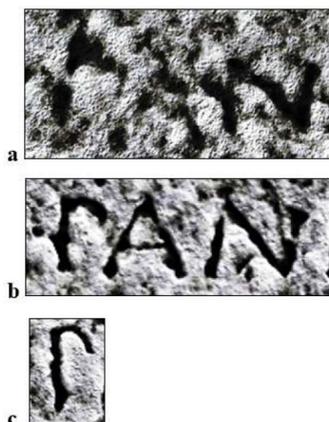


Fig. 28. Monte do Coelho, levantamento MRM: inscrição, pormenores (a) linha 7, *ocuPANI*; (b) linha 8, *PANditi*; (c) linha 9, P de *pumpi*.

Estaremos afinal perante o testemunho epigráfico de um concreto episódio de fixação nesta área transtagana de gentes oriundas de regiões a norte do rio, integrável na derradeira fase de um assaz longo processo iniciado de forma coerciva — conforme sabemos — pela transferência decidida e levada a cabo, por força do poder romano, de populações lusitanas desde “a outra margem [a setentrional] do *Tagus*” (Strab., *Geogr.* 3.1.6) em determinado momento indefinido³⁸ do período de Romanização, processo possivelmente pouco a pouco normalizado como vulgar e reiterada tendência migratória, talvez semi-voluntária / semi-incrementada, porventura ainda activa, pois, no decorrer das primeiras décadas de Romanidade, em que se consolidava a organização do território e se acurava a integração política das respectivas comunidades?

(d) Debrucemo-nos agora sobre o final das linhas, incompleto na sua maior parte devido à truncagem da lápide, que afecta decrescentemente as regras 1 a 5 (fig. 29):

– Linha 1:

A seguir a *erbam*, cujo *M* já se encontra afectado pela fractura, existiria decerto um *punctum distinguens* e, depois, uma palavra completa com o máximo de seis letras. Supomos tratar-se de um qualificativo de *HARASE*, teónimo com que se inicia a linha seguinte, qualificativo que teria, muito possivelmente, o significado de ‘deusa’, ou similar.³⁹

38 Ou ainda sob *D. Iunius Brutus* (v.g. Pina 2004, 232), ou já no decurso do séc. I a.C. (v.g. Pérez Vilatela 2000, 62 col. 1), p.ex. no âmbito da propretura de César na *Ulterior*.

39 Porventura, atendendo ao que aprendemos com o texto lusitano-latino da ara de Viseu (Fernandes *et al.* 2009), **deibae*.

– Linha 2:

Na sequência da opção metodológica dos editores do texto em análise, propusemos já que se devesse aqui restituir o epíteto H[ARACAE], concordante com BROENEIAE, à semelhança do epíteto masculino HARACVI / HARAGVI mais abaixo aplicado a REVE e a BANDI. Hoje, com o MRM, vê-se perfeitamente o A que sucede ao H, evidência que vem fortalecer aquela hipótese. Cumpre-nos agora, pois, reconstituir HĀ[RACAE].

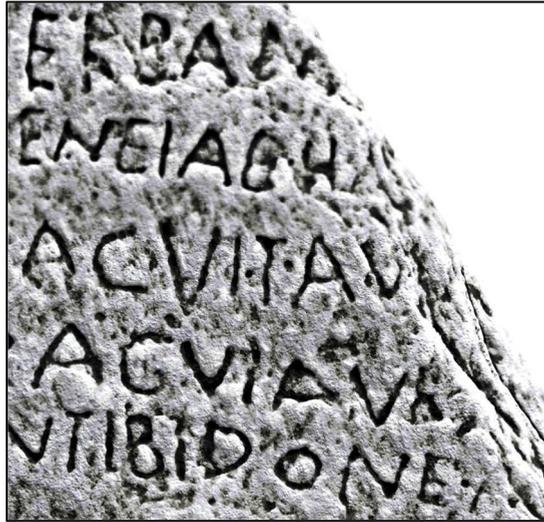


Fig. 29. Monte do Coelho, levantamento MRM: inscrição, final das linhas 1 a 5.

– Linha 3:

O ponto entre o T e o A é inequívoco. Porém, conforme explicitámos já antes (Cardim 2010, 44 al. e), tal não obsta, atendendo ao contexto frásico e ao seu evidente paralelo com o teor das linhas 5-6 de Cabeço das Fráguas, de ler e de reconstituir TAV[RO]. Ou, se se preferir, T{·}AV[RO] (Luján 2019, 332).

– Linha 4:

As imagens segundo o MRP indicam-nos, de forma segura, que o vocábulo que determina a oferenda doada a *Bandi* se inicia não apenas por AV-, conforme estava já estabelecido, mas sim por AVR-. Atendendo às reconstituições fundamentadamente supostas para as regras anteriores, sobretudo para

as linhas 1 e 2, podemos afirmar que, a seguir ao R, existiriam, no máximo, mais quatro letras: AVR[..³4..].

É legítimo supor que a dádiva atribuída a *Bandi* fosse, tal como as de todos os deuses anteriores, um animal, por certo do sexo masculino atendendo ao género da presente divindade. Possivelmente estaremos perante o início de um vocábulo de etimologia e de conteúdo semântico equiparáveis aos dos adjectivos latinos *aureus*, ‘da cor do ouro’, ou *auratus*, ‘dourado’, vocábulo pois alusivo ao tom da pelagem ou à decoração ritual da vítima, por uma dessas mesmas qualidades assim estandardizada e comumente chamada.

– Linha 5:

Confirma-se a existência de um *punctum distinguens* e, ainda, de uma letra, embora truncada — aparentemente um A⁴⁰ —, à frente de CANTIBI-DONE.

Esta ratificação é determinante para o entendimento geral do texto, ou seja, para compreendermos a ordem redaccional utilizada na correlativa menção das divindades e das respectivas oferendas. Assim, se *Munitie carla Cantibidone* recebe uma A[..^{c.3-4}..], não podem subsistir dúvidas de que, na linha anterior, AVR[..³4..] se destina a *Bandi*; e, antes, X *tauro ifate* a Reve; X *oila* a *Broeneiae*; outras X *oila* a *Harase*; e ainda, no início, uma *-am*, uma *oilam* e uma *erbam* a determinada divindade, de nome curto, escondida entre os restos de traços e as fracturas que ocupam o começo da linha 1.

Esta inversão entre a designação das vítimas e a das divindades quanto ao que podemos observar nos textos de Lamas de Moledo, de Cabeço das Fráguas e, talvez também, de “Arroyo I”, não constituirá decerto um acaso, correspondendo antes — estamos convictos — a uma regra, ou hábito normativo, implícito a uma definida situação específica. Supomos tratar-se do seguinte:

Lamas de Moledo, Cabeço das Fráguas e “Arroyo I” oferecem-nos discursos intemporais, prescrições rituais estabelecidas num dado momento para se repetirem em determinadas circunstâncias cíclicas ou conjunturais. Ou

40 Talvez o início do nome do mesmo animal que na linha anterior, mas no feminino. À frente, porém, não caberiam mais de 3 ou 4 letras, pelo que, se quisermos sustentar esta hipótese, teremos de admitir o recurso a uma abreviatura, p. ex., A[VR], ou A[VRAT]. O cariz excepcional da utilização deste tipo de recurso paleográfico para registar um nome lusitano — e não um vocábulo latino — poderia aqui justificar-se pelo facto do mesmo vocábulo, embora no masculino, se encontrar escrito por extenso imediatamente na linha anterior, aliás em idêntica posição final.

não indicam interventores, ou fazem-no de um modo vago e conjuntivo. São textos alheios a um evento concreto. São textos a-históricos.

De modo contrário, o conteúdo da epígrafe de Arronches — tal como o da ara latina de Marecos (Tranoy 1981, 282) — reporta-se a um facto singular, ocorrido num demarcado e único momento. Citam-se interventores pessoalizados, pelos seus nomes próprios. São estoutros monumentos, afinal, comemorativos da realização de práticas rituais incluídas em cerimónias já acontecidas. São, finalmente, textos históricos.

Esta é a pista que entendemos dever ser utilmente explorada na explicação destas divergências, que acreditamos pois de cariz intencional e normativo. Porém, não cremos ser aqui oportuno desenvolvê-la mais.

– Linha 8:



Fig. 30. Monte do Coelho, levantamento MRM: inscrição, pormenor, final da linha 8.

Supomos Wodtko 2017, 36, o único autor que, na sua transcrição, regista um *punctum distinguens* no final da linha 8 (fig. 30), a seguir à abreviatura TR. Se assim fôra, teríamos de considerar que, originalmente, existiria decerto uma outra palavra — abreviada ou não — mais à frente, numa zona da lápide ora supostamente truncada.

A observação dos pormenores conseguidos através do MRM patentes na fig. 30 não confirmam, de modo evidente, essa hipótese. Depois do R vê-se, sim, um pequeno traço oblíquo fruto de uma accidental deterioração, e ainda um sulco mais vasto. Porém, não é impossível que tal pequeno traço oblíquo, atendendo à sua precisa posição, tenha vindo a encobrir / destruir um eventual ponto pré-existente. Deixamos, pois, a questão em aberto.

(e) Resta-nos analisar o fragmentado e polémico início da epígrafe. Como noutras ocasiões, o contributo do levantamento MRM revela-se aqui determinante (cf. fig. 31):



Fig. 31. Monte do Coelho, levantamento MRM: inscrição, pormenor, início das linhas 1 e 2.

No começo da linha 1 evidencia-se a metade inferior de uma haste vertical. Mas, para além deste traço claro, parece entrever-se sobre ele — ou seja, a meia altura da letra quando ela estava completa — o arranque de uma barra horizontal, que parte para a esquerda. Ainda em posição anterior, ao nível da base da referida haste, existe um ténue vestígio pontual que poderá pertencer à extremidade inferior de outra haste. Confrontando com o início da linha 2 (*vd.* fig. 32, caractere 1), concluímos não ser impossível estarmos perante vestígios de um H. Os restos literais descritos poderão ajustar-se a tal hipótese, mas na verdade não são suficientemente expressivos para a confirmarem.

Segue-se um confuso emaranhado de restos de traços, quer gravados quer accidentais, destacando-se talvez entre eles vestígios de dois oblíquos, convergindo para cima. ¿Teria aqui estado exarado um A? É essa a possibilidade que retemos, ainda por comparação contextual com a primeira palavra da linha 2 (*vd.* fig. 32, caractere 2). Mas não logramos ter certezas.

Surgem depois dois traços bem mais nítidos que, numa primeira observação, parecem também eles desenhar um A. Porém, vendo com maior atenção, apura-se que o primeiro continua para cima, formando uma haste, do topo da qual parece sair um pequeno traço à direita. Estaremos, assim, diante de um R, similar ao da palavra inicial da linha 2 (*vd.* fig. 32, caractere 3).

À frente destaca-se uma haste provida de barra horizontal inferior, que apenas se poderá pois ajustar a um E, ou a um L (fig. 32, caractere 4). Supomos que aqui termina a palavra inicial do texto, correspondente a um curto teónimo, evidentemente em dativo.

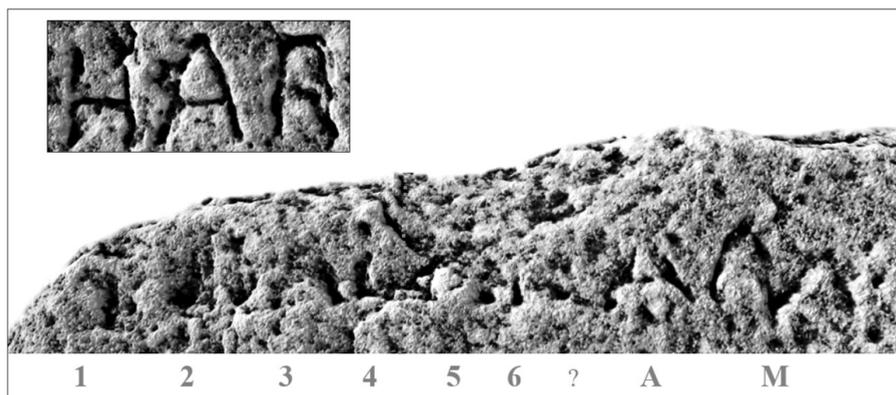


Fig. 32. Monte do Coelho, levantamento MRM: inscrição, pormenor, primeira linha, número de letras detectáveis antes de -AM, e confronto entre as primeiras três letras da linha 2 e a primeira palavra da linha 1, possivelmente HARE

Assim, a próxima letra, que não logramos identificar — ¿de novo um A, reduzido às extremidades inferiores? (fig. 32, caractere 5) —, será a inicial do nome do primeiro animal feminino ofertado a essa divindade.

Depois parece erguer-se o vestígio de uma haste (fig. 32, caractere 6). Se ela pertencer a uma letra larga — por exemplo, a um N —, será esta, decerto, a última antes da desinência acusativa -AM. Idêntica situação poderá talvez ocorrer também se a referida haste se reportar a uma letra com barras ou curva superior — como um E, um F, ou um P. Porém, se se tratar de um singelo I, então teremos de imaginar um qualquer outro caractere exíguo entre ele e o explícito fim da palavra. Francamente, não conseguimos decidir entre ++AM, ou ++[.]AM.

Regressando ao teónimo inicial, coloca-se pois a possibilidade de o podermos decifrar HARE (cfr. fig. 33).⁴¹

41 Em estudo anterior (Cardim 2016a, 36) adiantámos a hipótese H[A]RAE. Porém agora, que dispomos não apenas do levantamento geral segundo o MRM mas, também, de alguns detalhes mais elucidativos, verificamos não só a impossibilidade material de tal reconstituição mas, também, a maior adequabilidade aos vestígios literais subsistentes e consequente maior pertinência daquela que apresentamos na presente comunicação. Quanto às bases da nossa proposta (*ib.*, 37) de compreender o inusitado tema *har-*, com que se iniciam vários teónimos e epítetos da epígrafe em análise, a partir do PIE **g^{hr}H-u-*, ‘intestinos’, patente no Lat. *haru-spex*, ‘adivinhar (através das) entranhas’, trazendo ainda à colação o Umbro *arvia*, ‘parte do animal sacrificado?’, bem como o Lat. *hara*, ‘cercado de animais domésticos’, cf., v.g., De Vaan 2008, 56 (s.v. *arvum*), 279 e 280.



Fig. 33. Monte do Coelho, levantamento MRM: inscrição, pormenor, primeira linha, primeira palavra, possivelmente HARE.

3.2. O contexto arqueológico e ambiental

Descoberta no Monte do Coelho, localizado cerca de 3 km a noroeste de Arronches, onde se encontrava reutilizada nas estruturas de um antigo forno de pão então demolido, todos os indícios convergem para admitir que a lápide lusitana em análise foi executada e implantada nos primórdios do Império neste concreto sítio. Ou seja, porventura colocada relativamente perto do ponto onde mais de milénio e meio mais tarde se veio a erguer o dito forno, pois (a) trata-se de uma zona alta do terreno — embora não a de cota máxima — assaz plana e ampla; (b) zona que, em simultâneo, apresenta ainda o melhor ângulo de visibilidade quer sobre o curto quer sobre o longínquo horizonte desfrutável, que é o meridional; (c) possuindo por fim uma clara centralidade em relação ao espaço directamente envolvente (*vd.* fig. 33, ponto A e suas cercanias).⁴²

42 A lápide foi encontrada em 1997 por Hélder Marques, de Arronches, no Monte do Coelho (*Notícias de Arronches*, Fev. 2009, 8). Segundo Encarnação *et al.* 2008b, 167, o local concreto do achado teria sido o vale da Ribeira da Venda, no limite ocidental da propriedade. Em artigo anterior (2008a, 87-88), mais detalhado quanto às circunstâncias da descoberta, os mesmos autores começam por afirmar que a lápide surgiu “nas imediações de Arronches”, sendo “depois reutilizada numa lareira da própria vila norte-alentejana”; dizem porém mais à frente que “foi aquando de obras de beneficiação realizadas no edifício” do Monte do Coelho “que a pedra terá sido identificada”; e acrescentam ainda que, “originalmente, havia sido recolhida em terrenos mais a norte, entre este local e o Monte da Freirinha”.

Atendendo ao carácter algo confuso e contraditório destas informações, deslocámo-nos (J.C.R.) a Arronches em 2014, a fim de ouvir directamente o decisivo depoimento de Emílio Moitas, erudito arronchense que acompanhou o processo da descoberta da lápide desde o seu início. Assim, apurámos que tudo se passara de forma bem mais simples: a lápide encontrara-se reutilizada debaixo de um antigo forno de pão que se erguia perto das casas do Monte do Coelho, o qual foi demolido no referido ano de 1997 aquando das obras de recuperação e remodelação daquelas casas, antigas edificações rurais ora transformadas em habitação de lazer. Assim se justificam as largas zonas queimadas patentes no campo epigráfico, que estaria virado para cima numa zona do

Para norte desta plataforma, o terreno sobe. Não detectámos aí, à superfície, quaisquer vestígios arqueológicos, conquanto não faltassem por todo o lado pedras soltas de diferentes dimensões e, mesmo, algumas grandes lajes de grauaque não aparelhadas mas naturalmente lisas e geologicamente idênticas à lápide com inscrição lusitana.

Para sul o terreno declina até ao Rio Caia e, em simultâneo, para sudoeste até ao seu afluente, a Ribeira da Venda. Metida no aparelho da parte mais elevada do muro que circunda determinada eira — assinalada por B na fig. 34 — localizada na transição da plataforma para a vertente, observámos algumas tégulas e outros evidentes materiais laterícios romanos. Por sua vez, pela encosta (fig. 34, área riscada) observámos: múltiplos fragmentos cerâmicos de inequívoca antiguidade e vária tipologia, embora todos eles pertencentes a vasos comuns; martelos de pedra; escória de ferro; e, perto da confluência entre a Ribeira da Venda e o Rio Caia, alguns blocos informes constituídos por pequenas e médias pedras argamassadas com *opus signinum*, claros vestígios ora soltos de estruturas construídas.

A densidade de todos estes materiais não se afigurou grande. Mas, tendo em conta encontrarmo-nos perante um terreno arborizado e não lavrado, além do mais desde há largos anos desprovido de qualquer tratamento ou limpeza de ervas — a que acresce o facto de havermos feito a prospecção fóra da época das chuvas —, tornou-se inequívoco estarmos perante uma estação arqueológica coeva da Romanidade, quase decerto um habitat colectivo.

forno mais directamente exposta ao calor do fogo. Segundo Emílio Moitas esta estrutura de combustão seria centenária, pelo que dificilmente perduraria a memória do sítio, perto ou longe, onde a pedra pudesse outrora ter sido recolhida.

A prospecção do próprio terreno do Monte do Coelho, em torno da localização do antigo forno e daí para sul, até ao Rio Caia — investigação a que então procedemos juntamente com o nosso anfitrião e, ainda, com Teresa Simões, António Carvalho e João Cardim —, convenceu-nos de que a lápide nunca viera de outro sítio, mas que provinha daqui mesmo originalmente.

Além do mais, em função (a) do aspecto rude e desinteressante da inscrição como eventual antiqualha para um qualquer antigo coleccionador — forçosamente anterior à construção do forno —, bem como (b) do seu concreto emprego apenas utilitário num sítio abundante de materiais líticos, (c) entre os quais aliás existem lousas de tipo e dimensões equiparáveis à que serviu de suporte ao texto lusitano, seria de facto muito estranho que alguém se tivesse dado ao trabalho e ao esforço, sem meios mecânicos e no âmbito de numa paisagem assaz acidentada, de ir buscar longe — e por longe pode entender-se aqui tudo quanto ultrapasse algumas poucas centenas de metros — uma pesada lápide tão-só para a meter debaixo de um forno quando, no próprio local, sobejavam as pedras adequadas para o mesmo efeito.



Fig. 34. Fotografia aérea do Monte do Coelho, Arronches. **A:** sítio aproximado do forno da Idade Moderna onde se descobriu a inscrição lusitana; **B:** eira cujo muro integra tégulas e outros vestígios laterícios de época romana; **zona riscada:** dispersam-se à superfície desta área diversos materiais arqueológicos dessa mesma época.

Aliás, a sua implantação na confluência de dois cursos de água de diferentes caudais recorda a de determinados povoados de origem ou de tipologia paleohispânica, documentados designadamente em área lusitana, tal como o de Sansueña, sobre uma colina sobranceira a um arroio epónimo e ao Rio Salor — perto do sítio onde foi gravado “Arroyo I” (Cardim 2021); embora no Monte do Coelho não pareçam existir quaisquer indícios de amuralhamento, nem ainda qualquer separação física entre o habitat e os vales circundantes, já que os vestígios construtivos aparentam aproximar-se aqui, pelo menos em certos pontos, das margens fluviais.

4. O vocabulário das inscrições e o grau de exactidão das leituras

A concluir esta análise, e tendo em conta que o seu primordial objectivo reside na procura de uma mais rigorosa fixação e consequente maior inteligência dos textos lusitanos de Cabeço das Fráguas, Lamas de Moledo e Monte do Coelho, entendemos útil sintetizar nos quadros subsequentes o grau de fiabilidade da leitura e da compreensão das várias palavras que constituem o léxico destas epígrafes — e que aí seríamos alfabeticamente —, após o seu exame através de imagens conseguidas pelo MRM e inerente reflexão interpretativa.

vocábulo	linha	observações
COMAIAM	3	leitura exacta
ICCONA	3	leitura exacta
IFADEM	6	leitura exacta
INDI	2, 5	leitura exacta
LABBO	2	leitura exacta
LOIMINNA	3/4	leitura exacta
OILAM	1, 4	leitura exacta
PORCOM	2	leitura exacta
RE'VE'	7	leitura exacta
TAVROM	5	leitura exacta
TRE[B.....]	7	leitura e interpretação prováveis
TREBARV'NE'	5	leitura exacta
TREBOPALA	1	leitura exacta
VSSEAM	4	leitura exacta

Quadro 1. Vocabulário da inscrição de Cabeço das Fráguas.

(1) Cabeço das Fráguas (Quadro 1):

No caso de Cabeço das Fráguas, quase desprovido de nexos e de inequívoca leitura quanto aos poucos existentes, logrou-se discernir com total exactidão todos os vocábulos íntegros, inclusive o controverso LABBO da linha 2.

Também observámos que a linha 6 deverá estar completa.

Apenas fica pois por apurar a derradeira palavra do texto, ou seja, o epíteto de *Reve*. É porém legítimo aceitar que, com grande probabilidade, se iniciasse com o tema *treb-*; e verificámos que, na totalidade, não possuiria mais do que um máximo de nove caracteres.

vocábulo	linha	observações
‘AN’VGOM	6	caracteres absolutamente nítidos; outras variantes interpretativas: ANGOM, ‘AMNV’GOM, ‘AMV’GOM, ‘ANNV’GOM, ‘AV’VGOM
B’ĒL’ADOM	9/10	leitura altamente provável, ou mesmo segura
CA’ĪE’LOBRIGOI	11	leitura exacta
CROVGEAI	8	leitura exacta
DOENTI	5	leitura exacta
LAMATIGOM	7	caracteres absolutamente nítidos; variante interpretativa: LA’MMATIGOM
MAGAREAIKOI	8/9	leitura exacta
PETRAV’IOI	9	caracteres absolutamente nítidos; outra variante interpretativa: PETR’AN’IOI
PORGOM	10	leitura exacta
VEAM’IN’ICORI	4	caracteres absolutamente nítidos; variantes interpretativas: VE’AMMIN’ICORI, VEAM’IN’I CORI

Quadro 2. Vocabulário lusitano da inscrição de Lamas de Moledo.

(2) Lamas de Moledo (Quadro 2):

Quanto a Lamas de Moledo, lográmos por fim a leitura completa, que avaliamos como altíssimamente provável — ou mesmo segura —, do até agora controverso qualificativo de *porgom*: B’ĒL’ADOM (linhas 9/10).

Fértil em clusters paleográficos, e exibindo também alguns evidentes nexos, dois problemas insanáveis subsistem:

(a) Em primeiro lugar, saber se aquelas primeiras ocorrências são, ou não, efectivos monogramas; ou meras aproximações tangenciais de sucessivas letras.

(b) Em segundo lugar, quais os caracteres concretos que formam quer alguns desses nexos seguros; quer — aceitando-se o seu cariz monogramático — aqueles que integram os restantes conglomerados literais.

Por isso no respectivo quadro são frequentes as leituras exactas, mas com diversas variantes interpretativas possíveis. Nestes casos, apenas a eventual ocorrência de grafias inequívocas dos mesmos vocábulos em novas inscrições lusitanas que se venham a descobrir poderá dissipar as dúvidas que permanecem.

vocábulo	linha	observações
A(---)	3	leitura exacta; talvez abreviatura do latim A(<i>ugusto</i>)
À[.c. ³⁻⁴ ..]	5	leitura exacta; reconstituição inviável
AILATIO	9	leitura exacta
APINVS	6	leitura exacta
ATTEDIA	8	leitura exacta
AVR[.x ⁴ ..]	4	leitura exacta; reconstituição difícil
BANDI	4	leitura exacta
BROENIAE	2	leitura exacta
CANTI	9	leitura exacta
CANTIBIDO- NE	5	leitura exacta
CARLA	5	leitura exacta
ERBAM	1	leitura exacta
ERIAÇAINVŞ	6	leitura exacta
HĀ[RACAE]	2	leitura exacta; reconstituição provável
HARACVI	3	leitura exacta
HARAGVI	4	leitura exacta
HARASE	2	leitura exacta
HĀRE	1	leitura hipotética
ICCINVI	8	leitura exacta
IFATE	4	leitura exacta
M(---)	8	leitura exacta; talvez abreviatura de vocábulo latino
MVNITIE	5	leitura exacta
OILA	2, 3	leitura exacta
OILAM	1	leitura exacta
OVCVṖANI	7	leitura exacta, inclusive o P
PANDITI	8	leitura exacta
REVE	3	leitura exacta
PVMPI	9	leitura exacta
TAV[RO]	3	leitura exacta; reconstituição segura
TR(---)	8	leitura exacta; talvez abreviatura de vocábulo latino
VENDICVS	6	leitura exacta
++?AM	1	leitura exacta; 2, ou mesmo 3 letras, antes da des. ac.

Quadro 3. Vocabulário da inscrição de Monte do Coelho, Arronches.

(3) Monte do Coelho, Arronches (Quadro 3):

Dos 33 vocábulos que compõem o longo texto do Monte do Coelho — alguns repetidos —, 25 (c. 76 %) oferecem-nos uma leitura e interpretação exactas. Neste número e graças ao MRM, é-nos hoje possível incluir a difícil palavra da linha 7, OVCVṔANI.

Dos restantes, três constituem abreviaturas, com elevada probabilidade de termos latinos. Quatro outros são vocábulos truncados, entre os quais apenas cremos legítimo reconstituir com relativa segurança HĀ[RACAE] (linha 2).

Resta-nos um único exemplo de leitura tão-só hipotética, no início da epígrafe: o do possível teónimo HĀRE — decifração que, estamos plenamente conscientes, não colherá consenso.

Porém, mais do que a eventual aceitação das nossas propostas, aquilo que sobretudo pretendemos com este estudo foi facultar à comunidade científica representações gráficas seguras e detalhadas das epígrafes e dos monumentos em análise, cujos textos e singularidades imagéticas assim fixados procurámos descrever e evidenciar, de forma a proporcionar bases mais rigorosas do que aquelas até ao momento disponíveis conducentes ao avanço dos nossos conhecimentos sobre a língua e a cultura lusitanas.

B I B L I O G R A F I A

AE: *L'Année Épigraphique*.

Alarcão 1988a: J. de Alarcão, *O Domínio Romano em Portugal*, Mem-Martins 1988.

Alarcão 1988b: J. de Alarcão, *Roman Portugal I*, Warminster 1988.

Alarcão 2001: J. de Alarcão, “Novas perspectivas sobre os Lusitanos (e outros mundos)”, *Revista Portuguesa de Arqueologia* 4.2, 2001, 293-349.

Albertos 1973: M.L. Albertos, “Lenguas primitivas de la Península Ibérica”, *Boletín de la Institución ‘Sancho el Sabio’* 17, 1973, 69-107.

Albertos 1975: M.L. Albertos, *Organizaciones Suprafamiliares en la Hispania Antigua*, [= *Studia Archaeologica* 37], Valladolid 1975.

Albertos 1985: M.L. Albertos, “Notas a los trabajos del Prof. Corominas, presentados al I Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica, Salamanca 1974”, in *III CLCP*, Salamanca 1985, 503-505.

Alfayé e Marco 2008: S. Alfayé e M. Marco, “Religion, language and identity in Hispania: Celtiberian and Lusitanian rock inscriptions”, in: R. Häußler (dir.), *Romanisation et Épigraphie. Études Interdisciplinaires sur l'Acculturation et l'Identité dans l'Empire Romain*, [= *Archéologie et Histoire Romaine* 17], Montagnac 2008, 281-305.

- Almeida 1943: J. de Almeida, “Roteiro dos Monumentos de Arquitectura Militar do Concelho da Guarda”, *O Instituto* 102, 1943, 10-112.
- Armada 2015: X.-L. Armada, “Sacrificio, consumo cárnico y religión del Bronce Atlántico a los celtas occidentales”, in: F.J. García, F. Lozano e A. Pereira (coords.), *El Alimento de los Dioses. Sacrificio y Consumo de Alimentos en las Religiones Antiguas*, Sevilla 2015, 123-156.
- Bähr 1948: G. Bähr, “Baskisch und Iberisch”, *Eusko-Jakintza* 2, 1948, 3-20, 167-194, 381-455.
- Balmori 1935: C.H. Balmori, “Sobre la inscripción bilingüe de Lamas de Moledo”, *Emerita* 3, 1935, 77-119.
- BDHesp: *Hesperia. Banco de Datos de Lenguas Paleohispánicas*, Madrid, hesperia.ucm.es [consultado em 01-07-2020].
- Berardo 1857: J. de O. Berardo, *Memoria sobre Algumas Inscrições Encontradas no Distrito de Viseu*, Lisboa 1857.
- Best 1981-82: J.G.P. Best, “Zur frühindoeuropäischen Sprache in Lusitanien”, *TAAANTA. Proceedings of the Dutch Archaeological and Historical Society* 13, 1981-82, 63-68.
- Blažek 2006: V. Blažek, “Lusitanian Language”, *Studia Minora Facultatis Philosophicae Universitatis Brunensis* 11, 2006, 5-18.
- Blázquez 1975: J.M. Blázquez, *Diccionario de las Religiones Prerromanas de Hispania*, Madrid 1975.
- Blázquez 1983: J.M. Blázquez, *Religiones Prerromanas*, Madrid 1983.
- Blázquez 2001: J.M. Blázquez, *Religiones, Ritos y Creencias Funerarias de la Hispania Prerromana*, Madrid 2001.
- Blázquez 2010: J.M. Blázquez, “Nuevos teónimos hispanos. Addenda y Corrigenda VI”, *Ilu. Revista de Ciencias de las Religiones* 15, 2010, 57-90.
- Búa 1999: J.C. Búa, “Hipótesis para algunas inscripciones rupestres del occidente peninsular”, in: *VII CLCP*, Salamanca 1999, 309-327.
- Búa [2000]: J.C. Búa, *Estudio Lingüístico de la Teonimia Lusitano-Gallega*, Salamanca [2000]. [Tesis doctoral].
- Caninas, Pires *et al.* 2016: J.C. Caninas, H. Pires, F. Henriques, M. Chambino, “Rock art in Portugal’s border area”, *Rock Art Research* 33.1, 2016, 79-88.
- Cardim 2002: J. Cardim Ribeiro, “Inscrição rupestre redigida em lusitano, Cabeço das Fráguas (Sabugal)”, in: *id.* (coord.), *Religiões da Lusitânia — Loquuntur Saxa*, Lisboa, 2002, 369-370 n.º VII.
- Cardim 2010: J. Cardim Ribeiro, “Algumas considerações sobre a inscrição em ‘Lusitano’ descoberta em Arronches (Portugal)”, *PalHisp* 10, 2010, 41-62.
- Cardim 2013: J. Cardim Ribeiro, “Damos-te esta Ovelha, Ó *Trebopala!* A *Invocatio* Lusitana de Cabeço das Fráguas (Portugal)”, *PalHisp* 13, 2013, 237-256.
- Cardim 2014: J. Cardim Ribeiro, “Damos-te esta Ovelha, Ó *Trebopala!* A *Invocatio* Lusitana de Cabeço das Fráguas (Portugal) [versão extensa]”, *Conimbriga* 53, 2014, 99-144.
- Cardim 2015: J. Cardim Ribeiro, “La inscripción lusitana de Arronches”, in: J.M. Álvarez Martínez, A. Carvalho, C. Fabião (eds.), *Lusitania Romana. Origen de Dos Pueblos*, [= *Studia Lusitana* 9], Mérida 2015, 35-40 e 46.
- Cardim 2016: J. Cardim Ribeiro, “A inscrição lusitana de Arronches» [versão acrescentada], in: A. Carvalho, J.M. Álvarez Martínez e C. Fabião (coords.): *Lusitania Romana. Origen de Dois Povos*, Lisboa 2016, 34-39 e 44.

- Da fixação textual das inscrições lusitanas de Lamas de Moledo, Cabeço das Fráguas e Arronches: O contributo do “modelo de resíduo morfológico” (MRM), seus resultados e principais consequências interpretativas
- Cardim 2021: J. Cardim Ribeiro, “A inscrição lusitana de Sansueña (‘Arroyo I’)”, in: *XIII CLCP*, Zaragoza. [Neste mesmo volume de Actas].
- CIL* II: E. Hübner, *Inscriptiones Hispaniae Latinae*, [= *Corpus Inscriptionum Latinarum* II], Berlin 1869.
- Corominas 1976: J. Corominas, “Acerca de algunas inscripciones del Noroeste”, in *I CLCP*, Salamanca 1976, 363-385.
- Correia 2007: M.J. Correia Santos, “El sacrificio en el occidente de la Hispania romana: para un nuevo análisis de los ritos de tradición indoeuropea”, *PalHisp* 7, 2007, 175-217.
- Correia 2008: M.J. Correia Santos, “The triple animal sacrifice and the religious practice of the indigenous western Hispania”, in: A. Sartori (ed.), *Dedicanti e Cultores nelle Religioni Celtiche: VIII Workshop FERCAN*, Milano 2008, 253-274.
- Correia 2009: M.J. Correia Santos, “Lusitanos y Vettones en la Beira Interior portuguesa: la cuestión étnica en la encrucijada de la arqueología y los textos clásicos”, in: P.J. Sanabria (coord.), *Lusitanos y Vettones: Los Pueblos Prerromanos en la actual demarcación Beira Baixa - Alto Alentejo - Cáceres*, [= *Memorias* 9], Cáceres 2009, 181-196.
- Correia 2010: M.J. Correia Santos, “O Cabeço das Fráguas e a concepção de espaço sagrado na Hispania indo-europeia”, in: *id.* e Th. Schattner (eds.), *Porcom, Oilam, Taurom. Cabeço das Fráguas: o Santuário no seu Contexto*, [= *Iberografias* 6], Guarda 2010, 131-145.
- Correia e Pires 2014: M.J. Correia Santos, H. Pires, “A estela funerária de Capela, Penafiel (*Conventus Bracaraugustanus*)”, *FE* 119, 2014, n.º 510. [https://www.uc.pt/fluc/iarq/pdfs/Pdfs_FE/FE_119_2014]
- Correia, Pires *et al.* 2014: M.J. Correia Santos, H. Pires, O. Sousa, J. Fonte, L. Gonçalves-Seco, “Travelling back in time to recapture old texts. The use of Morphological Residual Model (M.R.M.) for epigraphic reading: four case studies (*CIL* 02, 02395a, *CIL* 02, 02395c, *CIL* 02, 02476, *CIL* 02, 05607)”, in: S. Orlandi, R. Santucci, V. Casarosa, P.M. Liuzzo (eds.), *Information Technologies for Epigraphy and Cultural Heritage. Proceedings of the First EAGLE International Conference*, Roma 2014 437-454. [vd. ainda diaporama online mais profusamente ilustrado, <https://docplayer.com.br/118687627-Travelling-back-in-time-to-recapture-old-the-use-of-morphological-residual-model-m-r-m-for-epigraphic-reading-four-case-cil-ii-5607-texts.html>].
- Correia, Pires e Sousa 2014: M.J. Correia Santos, H. Pires, O. Sousa, “Nuevas lecturas de las inscripciones del santuario de Panóias (Vila Real, Portugal)”, *Sylloge Epigraphica Barcinonensis* 12, 2014, 197-224.
- Correia e Schattner 2010: M.J. Correia Santos e Th. Schattner, “O santuário de Cabeço das Fráguas através da arqueologia”, in: M.J. Correia Santos e Th. Schattner (eds.), *Porcom, Oilam, Taurom. Cabeço das Fráguas: o Santuário no seu Contexto*, [= *Iberografias* 6], Guarda 2010, 89-108.
- Cortez 1951: F.R. Cortez, [Nota in] *Fasti Archaeologici* 6, 1951, n.º 5017.
- Curado 1989: F. Patrício Curado, “As inscrições indígenas de Lamas de Moledo (Castro Daire) e do Cabeço das Fráguas, Pousafoles (Sabugal)”, in: *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*, Viseu 1989, 349-370.
- Curado 1996: F. Patrício Curado, “As inscrições indígenas de Lamas de Moledo e do Cabeço das Fráguas”, in: J. de Alarcão (coord.), *De Ulisses a Viriato*, Lisboa 1996, 154-159.
- Curado 2002: F. Patrício Curado, “A ‘Ideologia Tripartida dos Indoeuropeus’ e as religiões de tradição paleohispânica no Ocidente peninsular”, in: J. Cardim (coord.), *Religiões da Lusitânia. Loquantur Saxa*, Lisboa 2010, 71-77.

- De Bernardo 2013: P. De Bernardo Stempel, “Celtic and other indigenous divine names found in the Italian Peninsula”, in P. De Bernardo Stempel e A. Hofeneder (coords.), *Théonymie Celtique, Cultes, Interpretatio*, Wien 2013, 73-96.
- De Hoz 1993: J. De Hoz, “Testimonios lingüísticos relativos al problema céltico en la Península Ibérica”, in: M. Almagro-Gorbea e G. Ruiz (eds.), *Los Celtas: Hispania y Europa*, Madrid 1993, 357-407.
- De Hoz 2013: J. De Hoz, “La epigrafía lusitana y la intersección de religión y lengua como marcador identitario”, *Revista da Faculdade de Letras, Ciências e Técnicas do Património* 12, 2013, 87-98.
- Delamarre 2007: X. Delamarre, *Noms de Personnes Celtiques dans l'Épigraphie Classique*, Paris 2007.
- De Vaan 2008: M. De Vaan, *Etymological Dictionary of Latin and the other Italic Languages*, Leiden-Boston 2008.
- Du Cange ed. 1954: Ch. du F. Du Cange, *Glossarium Mediae et Infimae Latinitatis*, Graz 1954.
- EDH: *Epigraphic Database Heidelberg*, Heidelberg [consultado em 01-07-2020].
- Elorza 1967: J.C. Elorza, “Ensayo topográfico de epigrafía romana alavesa”, *Estudios de Arqueología Alavesa* 2, 1967, 119-185.
- Encarnação 1995: J. d'Encarnação, “Panorâmica e problemática geral da epigrafia rupestre em Portugal”, in: A. Rodríguez Colmenero e L. Gasperini (eds.), *Saxa Scripta (Inscripciones en Roca). Actas del Simposio Internacional Ibero-Itálico sobre Epigrafía Rupestre*, [= *Anejos de Larouco* 2], A Coruña 1995, 261-277.
- Encarnação 2020: J. d'Encarnação, “Testemunhos recentes de teónimos pré-romanos na Lusitânia”, *Antrope. Arqueologias e seus Contextos* 12, 2020, 249-273.
- Encarnação et al. 2008a: J. d'Encarnação, J. de Oliveira, A. Carneiro e C. Teixeira, “Inscrição votiva em língua lusitana (Arronches, Portalegre)”, *Conimbriga* 47, 2008, 85-102.
- Encarnação et al. 2008b: J. d'Encarnação, J. de Oliveira, A. Carneiro e C. Teixeira, “Uma inscrição votiva em língua lusitana”, *PalHisp* 8, 2008, 167-178.
- Encarnação e Guerra 2010: J. d'Encarnação e A. Guerra, “The current state of research on local deities in Portugal”, in: J.A. Arenas-Esteban (ed.), *Celtic Religion across Space and Time. IX Workshop FERCAN*, [Toledo] 2010, 94-112.
- Estarán 2015: M.J. Estarán, “The Lusitanian model *uersus* the Iberian model: Defining patterns on bilingual inscriptions in the Roman West”, in: E. Dupraz e W. Sowa (dir.), *Genres Épigraphiques et Langues d'Attestation Fragmentaire dans l'Espace Méditerranéen*, Mont-Saint-Aignan, 2015, 317-335.
- Estarán 2016: M.J. Estarán, *Epigrafía Bilingüe del Occidente Romano. El latín y las Lenguas Locales en las Inscripciones Bilingües y Mixtas*, Zaragoza 2016.
- Estarán 2019: M.J. Estarán, “*Deibabor igo deibobor Vissaieigobor*. Notas para el estudio de la retención lingüística en la epigrafía religiosa de la Lusitania romana”, in: J. Tomás García e V. Del Prete (eds.), *Imágenes, Lengua y Creencias en Lusitania Romana*, Summertown, 2019, 54-72.
- Faust 1975: M. Faust, “Die Kelten auf der iberischen Halbinsel: sprachliche Zeugnisse”, *Madridrer Mitteilungen* 16, 1975, 195-207.
- Fernandes et al. 2009: L. da S. Fernandes, P.S. Carvalho e N. Figueira, “Divindades indígenas numa ara inédita de Viseu”, *PalHisp* 9, 2009, 143-155.
- Fonte, Pires et al. 2017: J. Fonte, M.J. Correia Santos, J.M. Costa-García, C.I.S. Gaspar, H. Pires, “*Castra Oresbi*: um assentamento militar romano na Serra do Marão?”, in L. Rosas, A.C. Sousa, H. Barreira (coords.), *Genius Loci: Lugares e Significados* 2, Porto 2017, 81-94.

Da fixação textual das inscrições lusitanas de Lamas de Moledo, Cabeço das Fráguas e Arronches: O contributo do “modelo de resíduo morfológico” (MRM), seus resultados e principais consequências interpretativas

- García 1991: J.M. García, *Religiões Antigas de Portugal*, Lisboa 1991.
- García Alonso 2011: J.L. García Alonso, “Oclusivas aspiradas, celtas e lusitanas”, in: E.R. Luján e J.L. García (eds.), *A Greek Man in the Iberian Street. Papers in Linguistics and Epigraphy in Honour of Javier de Hoz*, Innsbruck 2011, 175-189.
- García Quintela 1992: M.V. García Quintela, “El sacrificio lusitano. Estudio comparativo”, *Latomus. Revue d'Études Latines* 51.2, 1992, 337-354.
- García Quintela 2019: M.V. García Quintela, “Sacrificio y adivinación en el área galaico-lusitana de Iberia”, in: S. Montero e J. García (coords.) *Santuarios Oraculares, Ritos y Prácticas Adivinatorias en la Hispania Antigua*, Madrid 2019, 53-86.
- García Fernández-Albalat (1990): B. García Fernández-Albalat, *Guerra y Religión en la Gallaecia y la Lusitania Antiguas*, A Coruña 1990.
- Gómez Moreno 1942: M. Gómez Moreno, *Discursos Leídos en la Recepción Pública de ...*, Madrid 1942.
- Gómez Moreno 1949: M. Gómez Moreno, *Misceláneas*, Madrid 1949.
- Gorrochategui e Vallejo 2015: J. Gorrochategui e J.M. Vallejo, “*Langues fragmentaires et aires onomastiques: le cas de la Lusitanie et de l'Aquitaine*”, in: E. Dupraz e W. Sowa, *Genres Épigraphiques et Langues d'Attestation Fragmentaire dans l'Espace Méditerranéen*, Mont-Saint-Aignan, 2015, 337-356.
- Guerra, 1998: A. Guerra, *Nomes Pré-Romanos e Lugares do Ocidente Peninsular*, Lisboa 1998. [Dissertação de Doutoramento].
- Guyonvarc'h 1967: Ch.-J. Guyonvarc'h, “L'inscription du Cabeço das Fráguas (Portugal)”, *Ogam* 19.3-4, 1967, 253-263.
- Haeusseler 2008: R. Haeusseler, “How to identify Celtic religion(s) in Roman Britain and Gaul”, in: J. d'Encarnação (coord.), *Divindades Indígenas em Análise. Actas do VII Workshop FERCAN*, Coimbra-Porto 2008, 13-63.
- HAE: *Hispania Antiqua Epigraphica*.
- HE: *Hispania Epigraphica*.
- Holder 1962: A. Holder, *Alt-Celtischer Sprachschatz* 3, Graz 1962.
- Hübner 1871: E. Hübner, *Noticias Archeologicas de Portugal*, Lisboa 1871.
- Hübner e Gurlitt 1869: E. Hübner e W. Gurlitt, [Relatório sobre a epígrafe de Lamas de Moledo apresentado à “Sitzung der philosophisch-historischen Klasse” de 6 de Janeiro], *Monatsberichte der Königlich-Preussischen Akademie der Wissenschaften zu Berlin, Jahr 1868, 1869*, 6-11. [Síntese, com lapsos na transcrição em minúsculas, in *Revue Archéologique* n.s. 17, 1868, 391-392].
- Jiménez 2018: J.M. Jiménez, “Fred C. Woudhuizen, *Indo-Europeanization in the Mediterranean. With Particular Attention to the Fragmentary Languages...*”, *Bryn Mawr Classical Review* 2018.11.10
- López e Vallejo 2018: A. López Fernández e J.M. Valejo, “LAEBO vs. LABBO: Precisiones sobre la lectura de la inscripción lusitana de Cabeço das Fráguas (Benespera, Guarda)”, in: J.M. Vallejo, I. Igartua e C.G. Castillero (eds.), *Studia Philologica et Diachronica in Honorem Joaquín Gorrochategui. Indoeuropaea et Palaeohispanica*, [= *Veleia. Anejos series minor* 35], Vitoria/Gasteiz 2018, 251-265
- Luján 2019a: E.R. Luján, “Language and writing among the Lusitanians”, in: A.G. Sinner e J. Velaza, *Paleohispanic Languages and Epigraphies*, Oxford 2019, 304-334.
- Luján 2019b: E.R. Luján, “Lusitano en seis inscripciones (o siete)”, in: *15 Inscripciones que no Deberías Perderte*, Madrid 2019 [no prelo].

- Maggi 1983: D. Maggi, “Sui teonimi *Trebopala* e *Icona* nell’ iscrizione lusitana del Cabeço das Fráguas”, in: E. Campanile (ed.), *Problemi di Lingua e di Cultura nel Campo Indoeuropeo*, Pisa 1983, 53-60.
- Marco 2005: F. Marco, “Religion and Religious Practices of the Ancient Celts of the Iberian Peninsula”, *e-Keltoi: Journal of Interdisciplinary Celtic Studies* 6, [= *The Celts in the Iberian Peninsula*], 2005, 287-345.
- Marco 2015: F. Marco, “IOVI TAVRVM...Sacrificios animales a Júpiter en la Lusitania Romana”, in: I. Aguilera, F. Beltrán, M.J. Dueñas, C. Lomba e J.A. Paz (eds.), *De las Ánforas al Museo. Estudios Dedicados a Miguel Beltrán Lloris*, Zaragoza, 2015, 597-605.
- Menéndez Pidal et al. 2008: R. Menéndez Pidal, R. Lapesa e C. García, *Léxico Hispánico Primitivo (siglos VIII al XII)*, edición al cuidado de M. Seco, Madrid 2008.
- Michelena 1978: L. Michelena, “Los textos hispánicos prerromanos en lengua indoeuropea”, in: *Actas del V Congreso Español de Estudios Clásicos*, Madrid, 1978, 433-448.
- MLI: E. Hübner, *Monumenta Linguae Ibericae*, Berlin 1893.
- Moralejo 2008: J.J. Moralejo, *Callaica Nomina. Estudios de Onomastica Gallega*, [A Coruña] 2008.
- Olmsted 1994: G.S. Olmsted, *The Gods of the Celts and the Indo-Europeans*, Budapest 1994.
- Panaite 2013: A. Panaite, “Protective deities of roman roads”, in: C.-G. Alexandrescu (ed.), *Jupiter on your Side. Gods and Humans in Antiquity in the Lower Danube Area*, Bucharest 2013, 133-142.
- Pereira 1630: M.B.R. Pereira, *Dialogos Moraes, Historicos, e Politicos, Fundação da Cidade de Vizeu...*, cópia manuscrita de 1797 conservada na Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa, cota COD. 907. [Publicada por Vale 1955].
- Pérez Vilatela 2000: L. Pérez Vilatela, *Lusitania. Historia y Etnología*, [= *Bibliotheca Archaeologica Hispana* 6], Madrid 2000.
- Phillips 1870: H. Phillips, “Über das iberische Alphabet”, *Sitzungsberichte der Philosophisch-Historischen Classe der Kaiserlichen Akademie der Wissenschaften* 65, 1870, 165-238.
- Pina 2004: F. Pina, “Deportaciones como castigo e instrumento de colonización durante la República romana. El caso de Hispania”, in: F. Marco, F. Pina e J. Remesal (eds.), *Vivir en Tierra Extraña: Emigración e Integración Cultural en el Mundo Antiguo*, Barcelona 2004, 211-246.
- Pires et al. 2014: H. Pires, J. Fonte, L. Gonçalves-Seco, M.J. Correia Santos e O. Sousa, “Morphological residual model: A tool for enhancing epigraphic readings of highly eroded surfaces”, in: S. Orlandi, R. Santucci, V. Casarosa, e P.M. Liuzzo (eds.), *Information Technologies for Epigraphy and Digital Cultural Heritage. Proceedings of the First EAGLE International Conference*, Roma 2014, 133-144.
- Pires et al. 2015a: H. Pires, L. Gonçalves-Seco, J. Fonte, P. Mañana, C. Parcero-Oubiña, P. Fábrega-Álvarez, J. Señorán, “From point clouds to archaeological evidence: Improving visualization and spatial analysis of 3D data”, in: A. Posluschny (ed.), *Sensing the Past. Contributions from the ArcLand Conference on Remote Sensing for Archaeology*, Bonn, 2015, 52-53.
- Pires et al. 2015b: H. Pires, J. Martínez, A. Elorza, “Techniques for revealing 3D hidden archeological features: Morphological residual models as virtual-polynomial texture maps”, in: D. Gonzalez-Aguilera, F. Remondino, J. Boehm, T. Kersten, T. Fuse (eds.), *3D Virtual Reconstruction and Visualization of Complex Architectures*, [= *The International Archives of the Photogrammetry, Remote Sensing and Spatial Information Sciences*, XL-5/W4], Avila 2015, 415-421.

- Da fixação textual das inscrições lusitanas de Lamas de Moledo, Cabeço das Fráguas e Arronches: O contributo do “modelo de resíduo morfológico” (MRM), seus resultados e principais consequências interpretativas
- Pires *et al.* 2016: H. Pires, J.C. Caninas, F. Henriques (2016), “Aplicação do Modelo de Resíduo Morfológico no registo de gravuras rupestres no Centro de Portugal”, in: R. Vilaça (coord.), *II Congresso Internacional de Arqueologia da Região de Castelo Branco*, s.l. 2016, 165-178.
- Pocchetti 2009: P. Pocchetti, “Un animal au centre du monde. Le cochon dans l’Antiquité italique et romaine”, in: C. Février (ed.), *Journées d’Étude Images de l’animal dans l’Antiquité. Des Figures de l’Animal au Bestiaire Figuré*, [= *Schedae* 8.1], Caen, 2009, 125-142.
- Prosdocimi 1989: A.L. Prosdocimi, “L’iscrizione gallica del Larzac e la flessione dei temi in -a, -i, -ja. Con un ‘excursus’ sulla morfologia del lusitano: acc. *crougin*, dat. *crougeai*”, *Indogermanische Forschungen* 94.1, 1989, 190-206.
- Prósper 1994: B.M. Prósper, “El teónimo paleohispano *Trebarune*”, *Veleia* 11, 1994, 187-196.
- Prósper 1999: B.M. Prósper, “The inscription of Cabeço das Fráguas revisited. Lusitanian and Alteuropäisch populations in the west of the Iberian Peninsula”, *Transactions of the Philological Society* 97, 1999, 151-183.
- Prósper 2002: B.M. Prósper, *Lenguas y Religiones Prerromanas del Occidente de la Península Ibérica*, Salamanca 2002.
- Prósper 2004: B.M. Prósper, “*Varia palaeohispanica occidentalia*. I. Lusitano *TAVROM IFADEM*. II. Origen del topónimo galaico *Glandómiron*. III. Indoeuropeo **kor-(y)o-‘ejército’* en Hispania. IV. Un superlativo hispano-celta **kintúsamos* y una cuestión de acento”, *PalHisp* 4, 2004, 169-194.
- Prósper 2010a: B.M. Prósper, “Cabeço das Fráguas y el sacrificio indoeuropeo”, in: M.J. Correia e Th. Schattner (eds.), Porcom, *Oilam, Taurom. Cabeço das Fráguas: o Santuário no seu Contexto*, [= *Iberografias* 6], Guarda 2010, 63-70.
- Prósper 2010b: B.M. Prósper, “La lengua lusitana en el marco de las lenguas indoeuropeas occidentales y su relación con las lenguas itálicas”, in: G. Carrasco e J.C. Oliva (coords.), *El Mediterráneo Antiguo: Lenguas y Escrituras*, Cuenca 2010, 361-391.
- Prósper 2010c: B.M. Prósper, “Ogámico *Broinienas* y la divinidad indoeuropea *Broeneiae* de la inscripción lusitana de Portalegre”, *Emerita* 78.2, Madrid 2010, 335-344.
- Prósper e Villar 2009: B.M. Prósper e F. Villar, “Nueva inscripción lusitana procedente de Portalegre”, *Emerita* 77.1, 2009, 1-32.
- Rémy 2017: B. Rémy, “Les dieux au nom indigène et leurs cultores chez les Voconces de Vaison-la-Romaine d’après les inscriptions”, in: R. Haeussler e A. King (eds.), *Celtic Religions in the Roman Period. Personal, Local and Global*, [= *Celtic Studies Publications* 20], Aberystwyth 2017, 287-308.
- Renel 1906: Ch. Renel, *Les Religions de la Gaule Avant le Christianisme*, Paris 1906.
- Rodríguez Colmenero 1993: A. Rodríguez Colmenero, *Corpus-Catálogo de Inscripciones Rupestres de Época Romana del Cuadrante Noroccidental de la Península Ibérica*, [= *Anejos de Larouco* 1], A Coruña 1993.
- Rodríguez Colmenero 1995: A. Rodríguez Colmenero, “Corpus de inscripciones rupestres de época romana del cuadrante NW de la Península Ibérica”, in: *id.* e L. Gasperini (eds.), *Saxa Scripta (Inscripciones en Roca). Actas del Simposio Internacional Ibero-Itálico sobre Epigrafía Rupestre*, [= *Anejos de Larouco* 2], A Coruña, 1995, 117-259.
- Salinas de Frías 2010: M. Salinas de Frías, “Sobre algunas especies animales en el concepto de las religiones prerromanas de Hispania”, in: F. Beltrán, J.L. García, C. Jordán, E. Lujan, J. Velaza e B. Díaz (eds.), *Serta Palaeohispanica in Honorem Javier de Hoz*, [= *PalHisp* 10], Zaragoza, 2010, 611-628.

- Santos-Estévez, Pires *et al.* 2017: M. Santos-Estévez, P. Mañana-Borrazás, N. Amado, H. Pires, “La estela de guerrero y la estela antropomorfa de Pedra Alta (Castrelo de Val, Galicia)”, *Complutum* 28.1, 2017, 71-86.
- Schattner 2012: Th. Schattner, “Sobre los carros con copa de Baiões”, in: F. Quesada (coord.), *Homenaje al Profesor Manuel Bendala Galán 1* [= *CuPAUAM: Cuadernos de Prehistoria y Arqueología* 37], Madrid, 2012, 263-295.
- Schmidt 1957: K.H. Schmidt, *Die Komposition in Gallischen Personennamen*, [= *Zeitschrift für Celtische Philologie* 26.1-4], Tübingen 1957.
- Schmidt 1985: K.H. Schmidt, “A contribution to the identification of Lusitanian”, in *III CLCP*, Salamanca 1985, 319-341.
- Schmoll 1959: U. Schmoll, *Die Sprachen der Vorkeltischen Indogermanen Hispaniens und Keltiberische*, Wiesbaden 1959.
- Siles 2017: J. Siles, “Observaciones sobre la inscripción lusitana de Arronches”, in: J.C. Bermejo Barrera e M. García Sánchez (eds.), *ΔΕΣΜΟΙ ΦΙΛΙΑΣ. Bonds of Friendship: Studies in Ancient History in Honour of Francisco Javier Fernández Nieto*, [= *Col·lecció Instrumenta* 58], Barcelona, 2017, 335-348.
- Siles 2018: J. Siles, “Sobre el orden seguido en el ritual de Cabeço das Fráguas y la naturaleza de las *hostiae* y *victimae* en él ofrecidas y sacrificadas”, *Anuari de Filologia. Antiqua et Mediaevalia* 8, 2018, 927-941.
- Simón Cornago 2019a: I. Simón Cornago, “La paleografía y datación de la inscripción lusitana de Lamas de Moledo”, *Mélanges de la Casa de Velázquez* 49.1, 2019, 159-184.
- Simón Cornago 2019b: I. Simón Cornago, “Lenguas vernáculas de Hispania escritas en alfabeto latino. Un episodio particular de la latinización”, *Athenaeum. Studi di Letteratura e Storia dell'Antichità* 107.1, 2019, 55-93.
- Simón Cornago 2020: I. Simón Cornago, “Adaptations of the Latin alphabet to write fragmentary languages”, in: *Lenguas y Culturas Epigráficas Paleoeuropeas. Retos y Perspectivas de Estudio*, [= *PalHis* 20], Zaragoza 2020, 1067-1101.
- Tantimonico 2017: S. Tantimonico, *El Latín de Hispania a través de las Inscripciones. La Provincia de la Lusitania*, Barcelona 2017 [Tese de Doctorado on line: diposit.ub.edu/dspace/handle/2445/118987].
- Tovar 1958: A. Tovar, “Indo-European layers in the Hispanic Peninsula”, in: E. Sivertsen (ed.), *Proceedings of the Eighth International Congress of Linguists*, Oslo 1958, 705-720.
- Tovar 1960: A. Tovar, “Testimonios antiguos”, in: M. Alvar, A. Badía, R. de Balbín e L.F. Lindley Cintra, *Enciclopedia Lingüística Hispánica* I, Madrid 1960, 101-126.
- Tovar 1961: A. Tovar, *The Ancient Languages of Spain and Portugal*, New York 1961.
- Tovar 1966-67: A. Tovar, “L’inscription du Cabeço das Fraguas et la langue des Lusitaniens”, *Études Celtiques* 11, 1966-67, 237-268.
- Tovar 1985: A. Tovar, “La inscripción del Cabeço das Fráguas y la lengua de los Lusitanos”, in: *III CLCP*, Salamanca 1985, 227-253.
- Toutain 1907: J. Toutain, *Les Cultes Païens dans l’Empire Romain 1: Les Cultes Officiels. Les Cultes Romains et Gréco-Romains*, Paris 1907.
- Toutain 1920: J. Toutain, *Les Cultes Païens dans l’Empire Romain 3: Les Cultes Indigènes Nationaux et Locaux. Afrique du Nord, Péninsule Ibérique, Gaule*, Paris 1920.
- Tranoy 1981: A. Tranoy, *La Galice Romaine: Recherches sur le Nord-Ouest de la Péninsule Ibérique dans l’Antiquité*, Paris 1981.
- Untermann 1963: J. Untermann, [Recensão a Tovar 1961 in] *Indogermanische Forschungen* 68, 1963, 317-325.

- Da fixação textual das inscrições lusitanas de Lamas de Moledo, Cabeço das Fráguas e Arronches: O contributo do “modelo de resíduo morfológico” (MRM), seus resultados e principais consequências interpretativas
- Untermann 1983: J. Untermann, “Die althispanischen Sprachen”, in: W. Haase (ed.), *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt* II 29.2, Berlin — New York 1983, 791-818.
- Untermann 1987: J. Untermann, “Lusitanisch, Keltiberisch, Keltisch”, in *IV CLCP*, Vitoria-Gasteiz 1987, 57-76.
- Untermann 1997: J. Untermann, *Monumenta Linguarum Hispanicarum IV: Die Tartessischen, Keltiberischen und Lusitanischen Inschriften*, Wiesbaden 1997.
- Untermann 2002: J. Untermann, “A epigrafia em língua lusitana e a sua vertente religiosa”, in: J. Cardim (coord.), *Religiões da Lusitânia. Loquuntur Saxa*, Lisboa 2002, 67-70.
- Untermann 2010: J. Untermann, “Las divinidades del Cabeço das Fráguas y la gramática de la lengua lusitana”, in: M.J. Correia e Th. Schattner (eds.), *Porcom, Oilam, Taurom. Cabeço das Fráguas: o Santuário no seu Contexto*, [= *Iberografias* 6], Guarda 2010, 81-88.
- Untermann 2018: J. Untermann, *Monumenta Linguarum Hispanicarum VI: Die vorrömische einheimische Toponymie des antiken Hispanien*, Wiesbaden 2018.
- Vale 1955: A. de Lucena e Vale (ed.), *Diálogos Morais e Políticos*, Viseu 1955.
- Vallejo 2005: J.M. Vallejo, *Antoponimia Indígena de la Lusitania Romana*, [= *Veleia. Anejos series minor* 23], Vitoria-Gasteiz 2005.
- Vallejo 2013: J.M. Vallejo, “Hacia una definición del Lusitano”, *PalHisp* 13, 2013, 273-291.
- Varvaro 2005: A. Varvaro, “La Latinizzazione delle province come processo di lunga durata”, in: S. Kiss, L. Mondin e G. Salvi (eds.), *Latin et Langues Romanes. Études de Linguistique Offertes à József Herman à l’Occasion de son 80ème Anniversaire*, Tübingen 2005, 115-133.
- Vasco Rodrigues 1959: A. Vasco Rodrigues, “O castro do Cabeço das Fráguas e a romanização das suas imediações”, *Beira Alta* 18.1-2, 1959, 111-128.
- Vasco Rodrigues 1959-60: A. Vasco Rodrigues, “Inscrição tipo ‘Porcom’ e aras anepígrafes do Cabeço dos Fráguas (Guarda)”, *Humanitas* 11-12, 1959-60, 71-75.
- Vaz 1988a: J.L.I. Vaz, “A inscrição *CIL* II 416”, in: M. Mayer e J. Gómez Pallarés (coords.), *Religio Deorum. Actas del Coloquio Internacional de Epigrafía ‘Culto y Sociedad en Occidente’*, Sabadell, 1988, 309-315.
- Vaz 1988b: J.L.I. Vaz, “Divindades indígenas na inscrição de Lamas de Moledo”, *Beira Alta* 67.3-4, 1988, 345-358.
- Vaz 1989: J.L.I. Vaz, “A pervivência da onomástica e teonímia indígenas na toponímia da região de Viseu”, in: *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*, Viseu, 1989, 325-332.
- Vaz 1990: J.L.I. Vaz, “Divindades indígenas na inscrição de Lamas de Moledo (Castro Daire-Portugal)”, *Zephyrus* 43, 1990, 281-285.
- Vaz 1995: J.L.I. Vaz, “Algumas inscrições rupestres da *civitas* de Viseu”, in: A. Rodríguez Colmenero e L. Gasperini (eds.), *Saxa Scripta (Inscripciones en Roca). Actas del Simposio Internacional Ibero-Itálico sobre Epigrafía Rupestre*, [= *Anejos de Larouco* 2] A Coruña, 1995, 279-295.
- Vaz 1997: J.L.I. Vaz, *A Ciuitas de Viseu. Espaço e Sociedade*, Coimbra 1997.
- Vaz 2009: J.L.I. Vaz, *Lusitanos no Tempo de Viriato*, Lisboa 2009.
- Vendryes 1936: J. Vendryes, “Chronique XVI. L’inscription de Lamas de Moledo étudiée par M.C.H. Balmori”, *Études Celtiques* 1.2, 1936, 379-381.
- Villar 1991: F. Villar, *Los Indoeuropeos y los Orígenes de Europa. Lenguaje e Historia*, Madrid 1991.
- Villar 1993-95: F. Villar, “Un elemento de la religiosidad indoeuropea: *Trebarune, Toudopalandaigae, Trebopala, Pales, Višpalā*”, *Kalathos* 13-14, Teruel 1993-95.

- Villar e Pedrero 2001: F. Villar e R. Pedrero, “La nueva inscripción lusitana: Arroyo de la Luz III”, in: *VIII CLCP*, Salamanca 2001, 663-698.
- Witczak 1999: K. Witczak, “On the Indo-European origin of two Lusitanian theonyms (LAEBO and REVE)”, *Emerita* 67, 1999, 65-73.
- Witczak 2005: K. Witczak, *Język i Religia Luzytanów: Studium Historyczno-Porównawcze*, Łódź 2005.
- Wodtko 1997: D. Wodtko, “Bibliographisches Wörterverzeichnis II: Lusitanisch”, in Untermann 1997, 738-743.
- Wodtko 2009a: D. Wodtko, “Language Contact in Lusitania”, *IJDL. International Journal of Diachronic Linguistics and Linguistic Reconstruction* 6, 2009, 43-90.
- Wodtko 2009b: D. Wodtko, “Some notes on Lusitanian”, *PalHisp* 9, 2009, 291-292.
- Wodtko 2010: D. Wodtko, “The problem of Lusitanian”, in: B. Cunliffe e J.T. Koch (eds.), *Celtic from the West: Alternative Perspectives from Archaeology, Genetics, Language and Literature*, Oxford 2010, 335-367.
- Wodtko 2017: D. Wodtko, *Lusitanian. Language, Writing, Epigraphy*, Zaragoza 2017.
- Wodtko 2020: D. Wodtko, “Lusitanisch”, in: *Lenguas y Culturas Epigráficas Paleoeuropeas. Retos y Perspectivas de Estudio*, [= *PalHisp* 20], Zaragoza 2020, 689-719.
- Woudhuizen 2018: F. Woudhuizen, *Indo-Europeanization in the Mediterranean. With Particular Attention to the Fragmentary Languages*. Haarlem: Uitgeverij Shikanda.